

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARIANA GONÇALVES DE MESQUITA

**O Governo Bolsonaro e a Folha de São Paulo: uma análise dos três
primeiros meses de governo**

SÃO CARLOS - SP
2021

MARIANA GONÇALVES DE MESQUITA

O Governo Bolsonaro e a Folha de São Paulo: uma análise dos três primeiros meses de governo

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Mariana Gonçalves de Mesquita

Mestranda em Ciência Política PPGPol/UFSCar

Professor Doutor Fernando Antônio Farias de Azevedo

Orientador

São Carlos - SP

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mariana Gonçalves de Mesquita, realizada em 15/04/2021.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Fernando Antonio Farias de Azevedo (UFSCar)

Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira da Silva Maia (UFSCar)

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente (UNESP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Viva o SUS.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado no momento histórico que daqui alguns anos será capítulos em livros de história. A pandemia do coronavírus mudou a vida de milhares de brasileiros e a autora deste livro não ficou de fora. Por isso, seria uma hipocrisia não apresentá-lo nesta seção do trabalho.

Citar o momento histórico diz respeito ao agradecimento que a autora possui pela ciência. Esse trabalho, acima de tudo, agradece à ciência por, mesmo que renegada pelo objeto de estudo deste trabalho, será defendida até meu último segundo de vida.

Agradeço à minha família Mesquita que me incentivou a largar a estabilidade no mercado de trabalho para entrar no Mestrado e estudar o que eu sempre amei: a Política. Minha mãe, por cada café trazido na mesa, meu pai, por cada questionamento do trabalho realizado. Meus avós, minhas tias Miriam e Marisa, minha prima Ana Clara, por todo amor, compreensão e carinho dado ao longo dos meus 24 anos de vida. Também agradeço a minha grande amiga Steffani Baroni, que foi colo de desabafo e angústias, desde o processo seletivo até a entrega deste trabalho.

Agradeço também à minha família da República Frenéticas, que foi meu lar em São Carlos e transformou minha vida. Cada mulher que passou por essa casa tem um peso enorme na minha transformação pessoal, social e profissional e só tenho que agradecer. Sobre São Carlos, gostaria de agradecer em especial meu amigo Rômulo, por ter ouvido milhares de vezes que estava sem forças para finalizar essa tese e, todas às vezes, ter ouvido palavras de apoio e de força para finalizar.

Também agradeço meu time de Social Media e Conteúdo da Calina Marketing Digital, pela compreensão e apoio nos momentos mais difíceis de produção deste trabalho. Em especial, um abraço carinhoso aos meus líderes Murilo Riscalla e Pedro Milanezi, que compreenderam e apoiaram sempre que as olheiras eram maiores do que as entregas do dia.

E, por fim, agradeço a Olodumare por me dar força todos os dias de minha vida. Que Ifá e Exu continuem guiando a vida da autora deste trabalho. Irê Asè.

RESUMO

Comunicação e política são termos em confluência. Especificamente os veículos de comunicação tradicionais, como os jornais escritos, possuem grande influência na opinião pública, visto que são os responsáveis por pautar as discussões na mídia e na esfera pública. Não é diferente no Brasil e um dos veículos que carregam esse protagonismo pela sua história e circulação é a Folha de São Paulo (FSP). Com base neste contexto, o objetivo desta pesquisa é compreender como a seção de opinião da FSP tratou os primeiros três meses do Governo de Jair Bolsonaro a partir da ótica de estudo da teoria do enquadramento, que é responsável pela ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento. A pergunta que baseia a pesquisa é como a Folha de São Paulo retratou o Governo de Jair Bolsonaro na sua seção de opinião nos primeiros 3 meses de Governo, denominados de *honeymoon*. A hipótese para essa pergunta é que não houve um período de trégua entre o veículo e o Governo, pois os dois estão desalinhados ideologicamente e, desta forma, foi feita uma cobertura predominantemente com valências negativas. Com exceção apenas da cobertura de pautas econômicas, onde tanto o Governo quanto o veículo se posicionam como liberais. Os dados apresentados revelam que houve essa predominância a partir da análise dos líderes envolvidos e suas devidas pautas, além de uma considerável proporção de conteúdos direcionados à críticas ao Governo.

Palavras-Chave: Comunicação Política; Imprensa; *Folha de S. Paulo*; Governo Bolsonaro.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação de acordo com o objeto de pesquisa.....	42
Gráfico 2 - Temas apresentados entre os editoriais que tratam do objeto de estudo.....	43
Gráfico 3 - Principais grupos que protagonizaram os editoriais referentes ao objeto de estudo.....	44
Gráfico 4 - Lideranças Políticas a partir dos grupos do Governo Bolsonaro por Neto e Pimenta (2020).....	47
Gráfico 5 - Palavras-chaves que correspondem às valências positivas quanto ao Governo Bolsonaro.....	49
Gráfico 6 - Palavras-chaves que correspondem às valências neutras quanto ao Governo Bolsonaro.....	49
Gráfico 7 - Palavras-chaves que correspondem às valências negativas quanto ao Governo Bolsonaro.....	50
Gráfico 8 - Palavras-chaves categorizadas que correspondem às valências negativas quanto ao Governo Bolsonaro.....	51
Gráfico 9 - Enquadramento positivo referente aos grupos de liderança e Jair Bolsonaro.....	53
Gráfico 11 - Enquadramento negativo referente aos grupos de liderança e Jair Bolsonaro.....	53
Gráfico 12 - Palavra-chaves que correspondem às valências negativas quanto à Jair Bolsonaro.....	54
Gráfico 13 - Palavra-chaves que correspondem às valências positivas quanto à Jair Bolsonaro.....	55
Gráfico 14 - Palavra-chaves que correspondem às valências negativas quanto à Jair Bolsonaro.....	56
Gráfico 15 - Palavra-chaves que correspondem às valências positivas quanto à Jair Bolsonaro.....	57
Gráfico 16 - Editoriais que estão relacionados ao objeto de pesquisa durante o recorte temporal.....	59
Gráfico 17 - Editoriais que estão relacionados ao objeto de pesquisa durante o recorte temporal a partir de sua valência.....	60

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 - Partidos e a quantidade de editoriais relacionados ao objeto.....	45
Tabela 2 - Líderes e a quantidade de editoriais relacionados ao objeto.....	46
Tabela 3 - Editoriais relacionados ao Governo Jair Bolsonaro e ao PSL com suas respectivas valências.....	48
Tabela 4 - Editoriais relacionados ao Governo Bolsonaro, sem liderança específica, com suas respectivas valências.....	48
Tabela 5 - Editoriais relacionados as Lideranças do Governo Bolsonaro com suas respectivas valências.....	52
Tabela 6 - Temáticas relacionadas aos líderes do Governo Bolsonaro nos editoriais.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 BASES TEÓRICAS.....	13
2.1 DEMOCRACIA E JORNALISMO.....	13
2.2 TEORIA DA AGENDA E ENQUADRAMENTO.....	17
2.3 JORNALISMO POLÍTICO E AGENDA PÚBLICA.....	21
2.4 JORNALISMO POLÍTICO BRASILEIRO.....	24
3 ELEIÇÕES 2018.....	26
3.1 A NOVA DIREITA BRASILEIRA.....	26
3.2 ELEIÇÕES 2018.....	27
3.3 OS PRIMEIROS 100 DIAS DE GOVERNO BOLSONARO.....	28
3.4 BOLSONARO E A FOLHA DE SÃO PAULO (FSP): A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO DO GOVERNO E OS GRANDES VEÍCULOS DE MÍDIAS.....	30
3.5 A FOLHA DE SÃO PAULO: A OPOSIÇÃO PROTAGONISTA AO GOVERNO BOLSONARO.....	33
4 COLETA E CLASSIFICAÇÃO DE DADOS.....	35
4.1 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS.....	35
4.2 DESCRIÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVES.....	36
5 ANÁLISE DE DADOS.....	38
5.1 EDITORIAIS QUE TRATAM DO OBJETO DE PESQUISA.....	38
5.2 TEMAS, PARTIDOS E LIDERANÇAS RELACIONADOS AO GOVERNO.....	39
5.3 ENQUADRAMENTOS.....	43
5.4 HONEYMOON.....	54
6. CONCLUSÃO.....	56
7. REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender como o jornal Folha de São Paulo retratou o Governo Bolsonaro na sua seção de opinião. Jair Bolsonaro foi eleito em 2018 e seu governo é palco de instabilidades, críticas e fortes atritos, principalmente com as mídias tradicionais, no qual esse trabalho se refere são os jornais impressos. Logo, compreender como se deu a sua relação com um dos maiores veículos do Brasil é muito relevante para os estudos em Comunicação Política.

A principal questão é: como a FSP retratou o Governo Bolsonaro nos primeiros meses de mandato? Para responder, precisamos nos atentar a outras questões ancoradas: quantos editoriais tratam do objeto de pesquisa? Quais os temas, partidos e lideranças que estão relacionados ao governo na sua seção de opinião? Quais os enquadramentos associados aos partidos e lideranças que compõem o governo? Assim, será possível identificar a agenda e compreender como foi feita essa relação.

Para responder essas questões, esta pesquisa olhará para os editoriais publicados pela FSP nos 100 primeiros dias do ano de 2019, ou seja, os primeiros meses do Governo Bolsonaro, totalizando um universo de 199 editoriais - do dia 1 de janeiro ao dia 10 de abril de 2019. Período que a literatura denominou de *honeymoon*, por se tratar de um período de trégua entre imprensa e recém mandatários. A hipótese desta pesquisa é baseada nessa premissa, que defende que não existiu o período de *honeymoon* entre o Governo Bolsonaro e a FSP, principalmente, por discordâncias ideológicas entre o Governo e o movimento que faz parte e a política filosófica do veículo.

A Folha de São Paulo é o jornal de maior circulação no país, com mais de 300 mil exemplares diários por todo Brasil, e está no centro da indústria de comunicação em massa brasileira. O grupo abrange não apenas jornais, mas institutos de pesquisas, agências e outros serviços de informação e entretenimento. Foi fundado em 1921, por um grupo de jornalistas que representavam a oposição ao jornal O Estado de S. Paulo. Nesse seu primeiro momento, o jornal possuía um caráter urbano e simples, destinado aos trabalhadores. Na Revolução de 30, apoiou Júlio Prestes contra Vargas. Contudo, com o Estado Novo em 37 foi pressionado a ser vendido. Em 1960 passou por mais uma transição, onde passou a se chamar Folha de São Paulo. O veículo se coloca desde a Ditadura Militar como um forte ator

político, apoiando o golpe até as Diretas Já nos anos 80, onde esteve na linha de frente da campanha.

Para responder às perguntas desta pesquisa, analisaremos este objeto a partir da teoria do enquadramento. Para Rothberg (2007), um enquadramento é construído através da seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações. Assim compondo perspectivas gerais, que organizam como acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer.

Gamson e Modigliani (1989) afirmam que os enquadramentos são pacotes interpretativos, que constroem significados ao longo do tempo. E, como lembra Azevedo (2018), é consenso que a mídia tem grande poder de agenda ao selecionar e hierarquizar notícias e estabelecer enquadramentos e narrativas sobre fatos, acontecimentos e personagens. Assim, sob esta ótica de estudo, Scheufele e Tweksbury (2007 *apud.* ROTHBERG, 2007) afirma que as mídias preparam o campo das ideias, tornando mais propício o florescimento de certas visões dos fatos e processos políticos.

Ao tornar certos assuntos mais proeminentes nas mentes das pessoas, a mídia de massa também é capaz de dar forma às considerações que as pessoas levam em conta quando fazem julgamentos sobre candidatos e questões políticas. (SCHEUFELE, TEWKSURY, 2007 *apud.* ROTHBERG, 2007)

A partir desta metodologia, esta pesquisa analisará os enquadramentos realizados pela Folha de São Paulo, na cobertura dos primeiros 3 meses do Governo de Jair Bolsonaro, nos editoriais do jornal, no pressuposto de que a relação da Comunicação e Política são confluentes, um faz parte do outro, ou seja, a política precisa da construção da realidade da esfera pública feita pela comunicação, assim como o jornalismo é um ato político (COOK, 2011).

Este texto está dividido em 4 seções, na primeira será discutido as bases teóricas que esta dissertação se baseia, partindo da Democracia e Jornalismo, entendendo a relação dos meios de comunicação e campo política e, em seguida, abordando a Teoria da Agenda e Enquadramento. Na seção seguinte, apresenta-se o contexto do objeto de estudo deste trabalho. Tanto o movimento que originou o protagonista do Governo, assim como o momento da Eleição de 2018 e o pós-posse. Em seguida, será apresentada a metodologia utilizada para a coleta e classificação de dados. E na seguinte seção, a análise dos dados obtidos.

Por fim, são apresentadas as conclusões finais. A partir dos dados, identifica-se um padrão de valência a partir dos líderes e palavra-chaves envolvidos e entende-se que, no aspecto econômico a cobertura da seção de opinião da Folha de São Paulo foi condicente com o Governo, fato justificado ao compreender o histórico do veículo discutido na seção 3. Contudo, ao se tratar da dimensão ideológica que, inclusive, dominou a maior parte das temáticas do conteúdo, a FSP predominou nos editoriais da FSP as valência negativa. Os achados da pesquisa sustentam a nossa afirmação de que não houve uma *honeymoon* entre o jornal e o novo governo no plano político-ideológico, malgrado o apoio à política econômica de cunho liberal de Paulo Guedes.

2 BASES TEÓRICAS

Neste capítulo será apresentada a base teórica, a partir do entendimento do papel do Jornalismo na Democracia e os modelos teóricos que pensam essa relação.

2.1 DEMOCRACIA E JORNALISMO

Começamos a pensar a relação democracia e comunicação com Habermas (1992). Sua teoria gira em torno da política deliberativa, onde a comunicação e a esfera pública possuem papel central. De acordo com Gomes e Maia (2008), Habermas (1992) constrói o modelo de política deliberativa ao lado da dimensão comunicativa da política. Desta forma, pensamos a comunicação política a partir dos termos que Habermas apresenta neste debate.

Gomes e Maia (2008), em seu trabalho sobre *Comunicação e Política*, resume a abordagem de Habermas (1992) de maneira objetiva e interessante para a construção deste trabalho.

A democracia, num contexto pluralista, depende, de um lado, da institucionalização das condições necessárias e dos procedimentos para o estabelecimento da comunicação entre os cidadãos e, de outro lado, da interpenetração entre a tomada de decisão institucionalizada e a opinião pública constituída de modo informal, mas, ainda assim, racionalizada (GOMES; MAIA, 2008, p. 279)

Dentro do seu conceito sobre Democracia, o termo “Esfera Pública” se apresenta como um fenômeno social elementar (Habermas, 1997, p. 92 *apud*. Gomes; Maia, 2008, p. 280) e está diretamente ligado à opinião pública.

A esfera pública é a ocasião e a condição em que se gera a opinião pública, afirma Gomes e Maia (2008, p. 41). Ao irmos mais afundo, opinião pública trata-se, de acordo com Mackinnon (1828 *apud*. SCHUDSON, 2010) de um posicionamento relativo a qualquer assunto que é reconhecido pelas pessoas melhor informadas da comunidade, que gradualmente é estendido e adotado por mais indivíduos. Ao longo dos séculos, o conceito de opinião pública mudou a classe social, mas sua raiz é a mesma: posicionamento adquirido a partir do que é reconhecido pela sociedade.

Para Gomes e Maia (2008, p. 42). a opinião pública é a garantia da formação democrática da opinião e da verdade. A mesma é constituída, de acordo com o

mesmo autor, por relações com outras instituições e esferas próprias do modo de vida moderno.

Para Habermas (1992), a opinião pública pode ser construída de duas formas. Uma via, a institucional, que se dá a partir de “interações discursivas, ou de comunicação, que chamam em causa as instâncias da argumentação, num sentido cognitivo e num sentido prático” (GOMES; MAIA, 2008, p. 73). E uma outra via, a não-institucionalizada, advindo da “Esfera Pública”, onde há “livre flutuação de questões, informações, pontos de vista e argumentos provenientes das vivências quotidianas dos sujeitos” (GOMES; MAIA, 2008, p. 74).

O modelo de “Esfera Pública” como a metáfora grega, da praça central, onde se coloca a “acessibilidade, visibilidade, vinculação à comunidade” (GOMES; MAIA, 2008, p. 141). O que Gomes e Maia (2008) defende é que ultrapassemos esse conceito e o entenda como “a capacidade argumentativa e a existência da discussão” (GOMES; MAIA, 2008, p. 142).

A relação da “Esfera Pública” com o que este trabalho visa discutir é o modelo de não-contiguidade, onde há a conversação pública e o seu resultado está em volta da tomada de conhecimento e formação da opinião. Sendo este chamado por Gomes e Maia (2008), de “esfera de visibilidade pública ou cena pública” (p. 143), que é caracterizado como a cena pública midiática.

E para a realização deste trabalho, a compreensão de que “o sistema expressivo formado pelo conjunto da emissão dos meios de comunicação que constitui a esfera de visibilidade pública, tornando disponível ao público, uma espécie de quadro do mundo” (GOMES; MAIA, 2008, p. 143) é o parâmetro inicial para que seja afirmado que o reconhecimento adquirido na comunicação pública informal, aquela formada pela opinião e vontade pública, é adquirido a partir do trabalho realizado pelos veículos jornalísticos, ou seja, os meios de comunicação em massa.

De acordo com McCombs (2009), é a partir dos veículos de comunicação em massa, que a agenda pública é estabelecida. McCombs foi o primeiro a tratar sobre o assunto em seu trabalho, *Opinião Pública* de 1922. Para o autor, a opinião pública responde ao ambiente em que os veículos noticiosos constroem.

Reconhecendo-se essa relação, que será discutida com mais detalhes nos próximos capítulos, a compreensão desta relação torna-se crucial para entender a relação da Democracia e Jornalismo.

O jornalismo deve alimentar a democracia através da contribuição de publicamente relevante de conteúdo. A capacidade dos cidadãos de discutir socialmente assuntos significativos dependem da disponibilidade de ideias, opiniões e dados factuais que contribui para conhecer e dar sentido à contingência das mais variadas perspectivas possíveis. (GRONEMEYER; PORATH, 2015, p. 139)

Se o trabalho realizado pelos meios de comunicação em massa, o Jornalismo, é responsável pelo o que é reconhecido pela sociedade (SCHUDSON, 2010), logo sua atuação é de um agente de responsabilidade, que deve proteger os interesses dos cidadãos comuns contra a corrupção governamental e abusos políticos (ALBUQUERQUE, 2017, p.1).

Contudo, diferentes autores defendem que esse movimento não acontece. Para Albuquerque (2017), falta uma estrutura regulatória sólida de mídia, sendo caracterizada como frágil como serviço público, além de sua concentração em poucas organizações familiares (p. 3).

A concentração da mídia promove um ambiente hostil à diversidade política, e oferece às organizações de mídia incentivos para se perceberem como agentes políticos em seu próprio direito. A ausência de uma estrutura regulatória sólida de mídia contribui para aumentar a influência política dessas poderosas organizações de mídia, ao mesmo tempo reduz os seus deveres de responsabilização (Matos, 2012; Porto, 2015 *apud* Albuquerque, 2017, p. 4)

Manin (1995) também destaca que na democracia do público, a independência dos canais de comunicação aos partidos políticos acarretam em informações mais neutralizadas, tornando a percepção dos temas e dos problemas públicos mais homogênea e independente das preferências políticas expressas nas eleições, interferindo diretamente no processo político.

Dessa forma, a mídia [...] teria uma função imprescindível nas democracias: informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados que, sem esse serviço, não teriam condição de conhecer outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas próximas. Mais importante, os órgãos da mídia fariam a fiscalização do Estado, exercendo assim a forma mais bem acabada de "controle social". (FONSECA, 2011)

A partir disso, é compreensível e necessária a cobrança de que o conteúdo veiculado em veículos de comunicação em massa respeite a diversidade de vozes e a imparcialidade em busca da manutenção da democracia.

Os jornalistas desempenham um papel ativo na construção da narrativa em torno da gama de opiniões sobre um determinado tema, pois procuram refletir a diversidade do público que representam e ao mesmo tempo tentam 'unir a nação e nutrir um clima coletivo de formação de opinião racional' (Hendy, 2003: 38) (WAHL-JORGENSEN, 2017, p. 782)

Para Wahl-Jorgensen (2017), garantir a imparcialidade envolve fortalecer uma visão ampla e o peso da opinião sobre um determinado tópico. Desta forma, para a autora, os repórteres que buscam ser imparciais devem considerar uma ampla gama de pontos de vistas e opiniões, dar um peso relativo a elas, além de considerar as mudanças nestas e no seu alcance.

Amplitude e diversidade de opinião em toda a nossa produção como um todo, durante um período apropriado, de modo que nenhuma linha de pensamento significativa seja conscientemente não refletida ou sub-representada. Seremos justos e de mente aberta ao examinar as evidências e avaliar atos materiais. (British Broadcasting Corporation, 2014 *apud* WAHL-JORGENSEN, 2017, p. 783)

Além de um equilíbrio, como o que Wahl-Jorgensen (2017) trata em seu trabalho, esta pesquisa e seu argumento teórico defendem também que, para o jornalismo cumprir seu papel como agente de responsabilidade, é necessário uma diversidade midiática pautada na sua liberdade de imprensa que, de acordo com Albuquerque (2017), incentive a mídia a se perceber como agente político.

Não basta os veículos buscarem a maior cobertura e contrapontos de opinião, pois “uma opinião não é necessariamente o oposto exato de outra” (BBB Trust, 2007 *apud*. Wahl-Jorgensen, 2017, p. 783). Assim, é necessária a pluralidade de veículos, esta que permite que “a roda do vagão”, termo utilizado pela BBC (2007 *apud*. Wahl-Jorgensen, 2017, p. 783) para tratar que opiniões não são opostos exatos, não se limite a lente de uma única emissora, mesmo que a mesma trate com responsabilidade o equilíbrio de opiniões.

A necessidade da diversidade da mídia, além da pluralidade interna dos veículos, vem do que Gronemeyer e Porath (2015) afirmam ao citar Rebolledo (2000 *apud* p. 144), ao apresentar que os jornais tendem a apresentar opiniões cujos pontos de vistas são semelhantes aos de seus proprietários.

Vários autores dizem que com uma concentração tão forte no sistema de mídia e funcionalmente centralista como que existe no Chile, muitas das questões importantes para a sociedade - especialmente em regiões ou ambientes que são removidos das esferas de influência - dependem do interesse editorial do

proprietário ou proprietários das empresas de comunicações na padronização de seus conteúdos (Mayorga, Del Valle & Nitrihual, 2010 *apud* Gronemeyer; Porath, 2015, p. 143)

Em seu trabalho sobre democracia, Dahl (1989) também traz as múltiplas fontes de informação como forma de um país se aproximar da democracia, àquela em que o autor chama de *Poliarquia*, também defende que a imprensa livre é uma das condições políticas e institucionais necessárias para isso, promovendo-os como agentes fiscalizadores do Estado e seus atores.

Em resumo, para a formação de uma opinião pública democrática, de acordo com Lima (2016, *apud*. AZEVEDO, 2016), é necessário uma imprensa que cumpra seu papel de defensora dos princípios liberais da pluralidade e da diversidade de informações políticas no espaço público.

Um sistema funcional que atende à comunidade social exigiria uma variedade de mídias com diferentes proprietários, refletindo diferentes pontos de vista, reconhecendo diversas representações culturais e oferta mútua possibilidades de interação (Klimkiewicz, 2010 *apud* GRONEMEYER; PORATH, 2015, p. 140)

Este trabalho não busca somente relacionar a política com o papel da mídia e dos veículos de comunicação, mas também dar enfoque a importância do entendimento do que está por trás das relações e como esse processo influencia diretamente no papel do cidadão. Desta forma, o próximo sub-capítulo tratará de explicar a importância dessa relação.

2.2 TEORIA DA AGENDA E ENQUADRAMENTO

Após a Primeira Guerra Mundial e o crescimento dos estudos acerca da Teoria da Comunicação, surge na Escola Norte-Americana a Teoria da Agulha Hipodérmica. Defendida por estudiosos do período, a teoria defendia que uma mensagem do mass media enviada ao público afetaria todos da mesma maneira.

Essa teoria se destrinchou em diferentes estudos, que tinham como objetivo entender como funcionava o conteúdo dos grandes veículos de comunicação em massa. Mas, em 1972, McCombs e Shaw trouxeram uma perspectiva contrária, apresentando a proposta que “os meios não determinam como as audiências devem pensar, mas sobre o que devem pensar” (MAIA, 2017, p. 75).

Essa é a Teoria da Agenda e do Enquadramento, ao contrário das antigas concepções de manipulação em massa, a perspectiva defende que a mídia seleciona, hierarquiza e estabelece enquadramentos e narrativas sobre fatos, acontecimentos e personagens, conforme defende Azevedo (2016). Mas não é capaz de definir o que a grande massa irá pensar, apenas possui um grande potencial de sugestão do que pensar, conforme afirma Cohn (1963).

Tudo o que sei é somente o que li nos jornais disse Will Rogers, humorista americano, ao ser citado por McCombs (2009) em seu trabalho referente a Teoria da Agenda. Esse é o princípio quando nos referimos ao papel de influência dos meios de comunicação em massa diante a opinião pública.

O agendamento, de acordo com McCombs (2009), funciona a partir da necessidade de orientação dos cidadãos frente aos assuntos políticos e, em pesquisas realizadas pelo autor, está diretamente relacionada ao que a mídia transmite.

Desta forma, o que chega aos cidadãos é uma realidade de segunda-mão, conforme defende McCombs (2009) e, como é impossível realizar uma cobertura 100% completa de todos os fatos que acontecem, a segunda mão diz respeito a um filtro dos editores e diretores de redação.

Esta habilidade de influenciar o que será transmitido no noticiário e, desta forma, salientar tópicos é chamada de agendamento dos veículos. É desta forma que, ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público (MCCOMBS, 2009).

McCombs e Don Shaw (1972), desenvolveram esse estudo e definiram o contexto de agenda-setting. As imagens em nossa cabeça tem muitas origens. Entre as várias fontes existentes para o nosso conhecimento do mundo que nos cerca, os mass media são especialmente proeminentes (MCCOMBS, 2009).

O tempo inteiro, diferentes temas disputam a esfera política e a sociedade possui um número limitado de assuntos que acompanham. E, com uma agenda de tamanho restrito, que de acordo com McCombs (2009) varia de dois a seis temas, poucos temas se mantêm no centro da opinião pública.

Desta forma, os temas competem para que a comunicação em massa dissemine a mesma mensagem a uma grande população e assim, os veículos noticiosos podem não ser bem-sucedidos em dizer às pessoas o que dizer, mas são

surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar. (COHEN, 1963 apud. MCCOMBS, 2009).

Na política essa competição ocorre mais severamente pois, quanto maior é a necessidade de orientação de um indivíduo, mais propenso ele estará para prestar atenção na agenda da mídia com toda sua riqueza de informação sobre política e governança (BLUMLER, 1979 apud. MCCOMBS, 2009).

A agenda-setting também se torna um importante ator político no processo democrático pois, há evidências que a saliência de certos temas públicas é frequentemente a base da opinião pública sobre o comportamento geral de um líder público que está num cargo (MCCOMBS, 2009), assim como se torna palco para quem quer estar em um cargo público.

Além das atitudes e opiniões, as imagens da realidade criadas pelos mass media têm implicações para os comportamentos pessoais, variando desde a inscrição de um estudante na universidade até à votação no dia da eleição. (MCCOMBS, 2009)

Outro elemento importante ao se tratar de Teoria da Agenda é entender quem a define, o que está relacionado ao conceito de Gatekeeper. Este conceito foi introduzido por Lewin (1947), que defendia a ideia de *gates*, ou seja, um poder de decisão do que será inserido na agenda da mídia ou não. De acordo com Traquina (1993, p. 142), são regidos por regras imparciais ou grupos de poder que têm o papel de decidir.

Ao tratar deste tópico, McCombs (2009) considera três elementos-chaves para entender quem define a agenda da mídia: as principais fontes, organizações noticiosas, ou seja, um veículo com maior influência define outros, e normas do jornalismo, quando se trata de hierarquia em uma redação, por exemplo.

Cook (2011) ao falar sobre o que o noticiário cobre, afirma que as notícias, ou seja, o que sai na mídia, é fruto de negociações entre fontes e jornalistas, desta forma a partir de processo seletivo, onde os critérios de noticiabilidade são seus fatores de decisão.

Dentro da Teoria da Agenda, outros conceitos também são relevantes para sua compreensão, como o de status, que se refere à saliência crescente de uma pessoa que recebe uma atenção intensiva da mídia (MCCOMBS, 2009 apud. LAZARFELD, P; MERTON, R. 1948). Neste aspecto, o ator é o primeiro personagem do

agendamento e em seguida deve-se relacionar quais características são atribuídas no agendamento.

E, por fim, o enquadramento. Inicialmente temos a definição do que será posto na agenda da mídia, que seria o agendamento de primeira dimensão, baseado na Teoria da Agenda. Em sua segunda dimensão, deve ser entendido os atributos relacionados ao que se é agendado, ou seja, o enquadramento.

Relacionando os dois temas, enquadramento é “a ideia central que organiza o conteúdo noticioso que por sua vez fornece um contexto e sugere sobre o que o assunto trata através do uso de seleção, ênfase, exclusão e elaboração” (MCCOMBS, 2009).

Enquadramento, também chamado de *Frame Analysis*, é um método que surgiu com Goffman (1974) para ser usado na compreensão do processo de produção das notícias e sua relação com a política e cultura de determinada sociedade, conforme afirma Bonone (2017).

Para Goffman (1986 apud. BONONE, 2017) Os enquadramentos são princípios de organização que governam eventos. Porto (2004 apud. ROTHBERG, 2007) completa ao afirmar que são marcos interpretativos, construídos socialmente que permitem às pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais.

Gamson e Modigliani (1989) abordam os enquadramentos como pacotes interpretativos, defendendo que a partir deles é possível construir significados, mas não necessariamente é um posicionamento político.

É a partir da ótica do enquadramento que é possível construir uma crítica à mídia e analisar as tendências de uma matéria jornalística, suas pluralidades de construções sociais e entender a ótica de mundo que o conteúdo jornalístico está transmitindo, que influencia diretamente na construção da opinião pública.

Enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfases utilizados por jornalistas para organizar seus relatos (PORTO, 2002).

Para transmitir essa ótica de mundo, Rothberg (2007) afirma que a mídia também prepara o campo das ideias, tornando mais propício o florescimento de certas visões dos fatos e processos políticos a partir da função de *priming*.

Através da função de *priming*, a mídia sugere determinadas balizas para a avaliação de políticos e candidatos em relação a certos assuntos ligados à gestão pública. “Ao tornar certos assuntos mais proeminentes nas mentes das pessoas (agenda setting), a mídia de massa também é capaz de dar forma às considerações

que as pessoas levam em conta quando fazem julgamentos sobre candidatos e questões políticas (priming)”, definem Scheufele e Tewksbury (2007, p.11). (ROTHBERG, 2007)

Algumas formas de enquadrar são definidas por Rothberg (2007): enquadramentos de conflito ou enquadramentos temáticos. Os enquadramentos de conflito são caracterizados por disputa, subtraindo a substância da política enquanto negociação democrática pela otimização das oportunidades de desenvolvimento (ROTHBERG, 2007), resultando assim em fatos não apreciados por um cidadão de uma democracia madura, gerando ceticismo em relação à política.

A forma de superar esse movimento é, de acordo com Rothberg (2007), um enquadramento plural e equilibrado, que apurem a diversidade de perspectivas que importam para o fato em si, com coberturas abrangentes, centrada em diversos aspectos das políticas públicas em seu devido contexto com uma linguagem jornalística séria, consistente e ponderada.

Ao falhar em oferecer enquadramentos temáticos, o jornalismo traria efeitos especialmente nocivos à democracia, sustenta Goidel (2000, pg. 154) (ROTHBERG, 2007).

Com o estudo do enquadramento é possível analisar a mídia objetivamente e entender as consequências dos enfoques utilizados e o objetivo deste trabalho é aplicar esta teoria ao objeto de estudo a ser apresentado.

McCombs (2009) afirma que o agendamento dirige a atenção do público a certos temas. E Rothberg (2007) afirma que o enquadramento promove perspectivas gerais das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer.

Sendo assim, são dois conceitos relacionados, em diferentes dimensões, que buscam entender a cobertura midiática e sua relação com a opinião pública. Portanto, a mídia importa (AZEVEDO, 2006, p. 27) e, desta forma, estudar e compreender o comportamento dos principais veículos de comunicação em massa é fundamental na compreensão dos acontecimentos políticos da esfera pública.

2.3 JORNALISMO POLÍTICO E AGENDA PÚBLICA

O Jornalismo é uma atividade que acompanha a sociedade a gerações e possui um poder de mutação intrínseco.

Para Cook (2011), isso ocorre porque, além de uma instituição política, o jornalismo é um ator político. E não só isso, mas a atividade jornalística também

pode ser considerada um ato político: A notícia é o resultado de negociações recorrentes entre fontes e jornalistas, cujos resultados diários beneficiam apenas certas alocações de valores (COOK, 2011).

Ainda mais a imprensa escrita, que de acordo com Azevedo (2016), “tematiza grande parte das questões políticas e as outras mídias repercutem, ampliam e disseminam os temas em debate, realimentando o fluxo de informação” (p. 28).

O jornalismo também está ligado diretamente ao que é reconhecido pela sociedade. Assim a sociedade é dependente da notícia. A política está enraizada nos interesses diferentes e conflitantes que buscam expressão pública. (MCQUAIL, 2013).

Contudo, Venício Lima, no prefácio de Azevedo (2016), afirma que é uma falácia o argumento da imparcialidade da “grande imprensa” que, historicamente, está comprometida com a ação política explícita. Além disso, de acordo com o autor, a relação entre a mídia e a política é fundamentalmente constitutiva.

Assim, a atividade jornalística é baseada em fatos, todavia, como argumenta Ivy Lee em Schudson (2011), não existe, pois tudo é interpretação. Assim, o jornalismo é criticado por alguns autores como parcial.

Neste contexto, Tuchman (1972) afirma que por meio de rituais estratégicos o jornalista pode defender a sua objetividade. Os rituais estratégicos, que também podem ser chamados de critérios de noticiabilidade, exigem certas etapas para que um fato se torne uma notícia, garantindo a objetividade.

Em contrapartida, nos critérios de selecionar o que vai para o noticiário, o jornalista pode se levar ao viés. Assim, Cook (2011) afirma que certos atores, partidos políticos e questões recebem maiores coberturas. O jornalismo é atraído para tipos específicos de histórias, com valores específicos, mais do que para outros (COOK, 2011).

Desta forma, pode-se afirmar de acordo com Cook (2011), que o processo da seleção da notícia é uma negociação. E, ao considerar que o processo decisório dos eleitores em uma política democrática é baseado nas informações disponíveis na esfera pública (MCQUAIL, 2013), o jornalismo político se torna uma engrenagem influenciadora no funcionamento da democracia, fazendo com que muitas vezes a mídia de massa seja utilizada pelos partidos e candidatos.

Assim, com base em Cook (2011), o poder político permite mais acesso à esfera pública e o impacto político do jornalismo é dirigido pelos valores de produção

das notícias, que está vinculado a valores políticos específicos, não referente a esquerda ou direita, mas para o que é uma boa história. E, assim como na política, surge um jornalismo de coalizão, que interfere diretamente na agenda política.

Neste contexto, Lippmann (1920 apud. SCHUDSON, 2011) questiona se a fábrica de consensos, ou seja, o jornalismo, deveria ser uma empresa privada não regulamentada. Cobrando assim, a profissionalização da atividade, visto seu papel na esfera pública.

Em todas as suas fases, o Jornalismo sempre foi de distintas formas, um simplificador da complexidade do mundo real. Ele nunca conseguiu espelhar a realidade, mas sim criar uma nova, mais simples e direta, para ser transmitida na forma de notícias. (MARQUES, CERVI, MASSUCHIN, 2018, p. 246)

Para entender essa relação, pode-se retomar ao que Shoemaker e Vos (2011) apresentam ao tratar do conceito de *gatekeeping*. De acordo com os autores, “*Gatekeeping* é o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna” (p. 11).

A massa entende o que é a vida pública a partir do que está na agenda pública. E o Jornalismo Político, desta forma, fica exposto no papel de mediador das mensagens midiáticas que compõem este entendimento. E o *gatekeeper* é o responsável por gerenciar essas mensagens.

“Os *gatekeepers* determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa” (SHOEMAKER; VOZ, 2011, p. 14), logo estes são os responsáveis por filtrar o que é uma boa história, conforme afirma Cook (2011) e, desta forma, construir a realidade à agenda pública.

Por afetar diretamente atitudes e opiniões da audiência, o Jornalismo Político deve estar em função da Democracia. E, conforme afirmam os autores da Comunicação Política, o compromisso com a variedade de informação é um dos pilares desta relação.

Sendo assim, Shoemaker e Voz (2011) alertam sobre quando as versões da mídia estão em consonância e não apresentam lentes diferentes.

A consonância é resultado da uniformidade com que a mídia apresenta determinado evento, e a consequência disso é que a audiência recebe uma variedade limitada de informações para formar suas opiniões (SHOEMAKER; VOZ, 2011)

Desta forma, o Jornalismo Político deve estar em apoio aos pilares democráticos de pluralidade midiática, para que a sociedade tenha acesso à diferentes visões quanto à vida pública e construa sua realidade. Contudo, o cenário é bem diferente no Brasil.

2.4 JORNALISMO POLÍTICO BRASILEIRO

Com surgimento tardio, homogêneo e com centralidade na televisão, o jornalismo político no Brasil possui especificidades importantes de serem compreendidas para que se entenda a sua influência no processo democrático.

Azevedo (2006) analisou a relação entre o sistema de mídia e o sistema político brasileiro, tendo como base a classificação proposta por Hallim e Macini (2010) e, ártá ele, o Brasil pode caracterizado um sistema pluralista polarizado.

Segundo esse modelo, valores como mercado de mídia, paralelismo político, desenvolvimento do jornalismo profissional e o grau e a natureza da intervenção estatal no campo da comunicação são variáveis que tipificam o modelo. Especificamente em relação ao sistema político, variáveis histórica política, modelo democrático, valores políticos, funções do Estado e a presença de regras do tipo legal-racional nos processos de regulação e governança também são variáveis levadas em conta para caracterizar a relação entre o sistema político com o sistema de mídia.

O Pluralismo polarizado também pode ser encontrado em países como na França, Itália, Grécia e Espanha e apresenta alguns elementos como principais características:

- i. Baixa circulação;
- ii. Orientados para elite política;
- iii. Centralidade em televisões e rádios;
- iv. Liberdade de imprensa e desenvolvimento da mídia comercial tardios;
- v. Jornais frágeis do ponto de vista econômico;

vi. Alto paralelismo político;

Ao discutir algumas características abordadas, começamos com a baixa circulação dos jornais e a centralidade nas elites que são, de acordo com Azevedo (2006), consequências de uma cobertura focada em pautas políticas e econômicas, desenhadas com uma linguagem sóbria e culta e que, desta forma, torna-se pouco acessível para camadas populares.

Já a centralidade da televisão é identificada por dois fatores, de acordo com Azevedo (2006), o alto investimento publicitário no setor televisivo no Brasil e a alta presença de aparelhos nas residências brasileiras fazem com que a principal fonte de comunicação sejam os telejornais dos canais abertos.

Contudo, ao analisar quem detém o poder dos canais abertos, encontramos um coronelismo eletrônico. Essa característica deriva da relação histórica entre a mídia e a elite brasileira, que potencializa a capacidade de poucos grupos de agendar temas na imprensa e, através dela, a opinião pública (AZEVEDO, 2016). O coronelismo midiático corresponde à concentração das mídias em poucas famílias, que historicamente, dominam os veículos de comunicação e também controlam mídias locais para seus interesses, favorecendo o cenário de uma baixa diversidade.

Num contexto de diversidade pobre, como no caso brasileiro, com uma mídia concentrada e monopolizada por grupos familiares, com diversidade (externa e interna) precária, a questão da parcialidade se torna crítica para avaliar como a informação política alimenta o debate público e a escolha política dos cidadãos. (AZEVEDO, 2016)

No que diz respeito ao paralelismo político, Azevedo (2006) destaca que no Brasil é possível encontrar um jornalismo opinativo voltado a interesses ideológicos com um sistema de televisão que tende a apoiar as políticas de governo, quando alinhado às suas filosofias.

Além disso, é possível identificar que partidários ou simpatizantes de tendências políticas são fiéis aos veículos mais próximos de suas preferências políticas. Como exemplo, temos as revistas *Veja* e *Carta Capital*. (AZEVEDO, 2016).

Em resumo, Azevedo (2006) afirma que a mídia tende a cumprir as funções básicas de uma imprensa na democracia, mas que falha na diversidade e na priorização à um jornalismo informativo, que é, muitas vezes, substituído por um jornalismo de opinião, partidário e pouco diverso.

3 ELEIÇÕES 2018

Depois de mais de 10 anos de um governo comandado pelo PT, crise política, econômica e um impeachment, o Brasil passava por um processo eleitoral que ultrapassou os limites da polarização político-partidária. Neste cenário, novos personagens surgem em um contexto mundial: a nova direita.

É neste cenário que o objeto de estudo deste trabalho, o Governo Bolsonaro, entra como ator principal do cenário político brasileiro e constrói a narrativa que este trabalho estuda. Neste capítulo será possível entender o que cerca essas questões e os desdobramentos dos atores principais desta pesquisa.

3.1 A NOVA DIREITA BRASILEIRA

O cenário político internacional trouxe o fenômeno que marcou as eleições de 2018 no Brasil: a Nova Direita. Inocente seríamos se acreditássemos que o movimento mundial que ameaçou a democracia não chegaria em terras tupiniquins.

De acordo com Vera Cepeda (2018), o espectro da direita é muito amplo e, com suas variantes, desde as mais radicalizadas até os conservadores com posições liberais clássicas, possuem grandes diferenças, mas se pautam na “aceitação - ou defesa - da desigualdade de acesso ao poder político e à inclusão como cerne da vida social” (CEPEDA, 2018, p. 44).

O objeto de estudo, ou seja, o Governo de Jair Bolsonaro, é fruto desse fenômeno político recente que emergiu lideranças mundiais, que possuem pautas em comum e uma delas é o enfrentamento a determinados veículos de comunicação. Assim, essa breve revisão é importante para a contextualização da discussão.

O movimento é recente, mas o comportamento já foi visto na história. No texto *A personalidade autoritária*, Adorno (1950 *apud* Cepeda, 2018) demarca um padrão das personalidades autoritárias, que são “a adesão à moral dominante, a agressividade pautada na recusa do outro e no seu controle, a beligerância e a inclinação ao binômio submissão/dominação” (p. 45).

E, ao observar o objeto de pesquisa a partir dos dados obtidos por este trabalho, esse tipo de comportamento é destacado pelos veículos de comunicação em massa brasileiros. Principalmente àqueles que sofrem de constantes “agressividades pautadas na recusa do outro” (Adorno, 1950 *apud* Cepeda, 2018, p.

45). Sobre esta temática, o capítulo 5 se desenvolverá com base nos dados obtidos nesse estudo.

Mas, conforme afirma Lowy (2015), o movimento da Nova Direita no Brasil possui suas características próprias. Cepeda (2018) traz algumas características com base em Chaloub e Perlatto (2016) que descrevem o movimento. São eles a coerência com o fenômeno mundial, a distorção da percepção sobre a ditadura e os riscos do autoritarismo, as funcionalidades dos avanços tecnológicos, a institucionalização do pensamento liberal ou de direita, geração de polarização e crise no sistema partidário.

Para Berlanza (2017 *apud* Cepeda, 2018, p. 53), “direita e nova direita” são apenas rótulos utilizados para denominar um “movimento profundamente plural” no qual muitos de seus integrantes recusam a própria dominação.

Uma outra característica importante quando se trata desse fenômeno em território brasileiro é a sua atuação nas redes sociais. De acordo com Silveira (2015, p. 214), as redes sociais tornam-se, gradativamente, palco para grupos políticos, culturais, religiosos e de várias correntes atuarem contra a democracia e liberdade.

O poder de atingir milhares de pessoas e sua articulação promoveram um grande poder de influência e caracteriza a ascensão desse fenômeno político mundial no Brasil.

3.2 ELEIÇÕES 2018

As eleições de 2018 se caracterizam pela ruptura do histórico de eleições presidenciais e a forma de fazer política no Brasil. Entre os fatores que tiveram influência direta estão a crise política iniciada com o resultado das eleições 2014, o destaque indiscutível das redes sociais e a quebra da polarização PT-PSDB. A partir desse cenário, essa seção visa discutir esses fatores que geraram um contexto atípico comparado ao histórico de eleições no Brasil.

Desde 1994, o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) carregavam os dois pólos da disputa pelo Poder Executivo. Com alternâncias, o Brasil passou pelas fases de sucesso e deterioração com o PSDB, para as medidas populistas à alta rejeição do PT. Até que as eleições 2014 trouxe um gatilho de extrema importância para este cenário.

A alta insatisfação com o resultado das eleições despertou o sentimento antipetista, engajado pelos constantes escândalos de corrupção e, principalmente,

pela Operação Lava-Jato. O impacto desse despertar abriu as portas para movimentos da nova direita, como por exemplo, o PSL e Jair Bolsonaro, crítico enfático do Governo Lula-Dilma e defensor de bandeiras armamentistas, liberais, nacionalista e de resgate aos valores tradicionais.

A crise política de 2014-2017, de acordo com Barbosa Filho (2017), foi fruto de uma combinação de choques de oferta e demanda resultado de erros de política econômica, que tiveram como consequência, a redução da capacidade de crescimento da economia brasileira e risco de insolvência das finanças públicas.

Ao lado da crise econômica, um processo de impeachment foi instaurado e com grande aceitação na Câmara, demonstrando alta instabilidade interna do Poder Executivo. Desta forma, a Presidente Dilma Rousseff foi deposta e em substituição, seu vice, Michel Temer assumiu o cargo.

Movimentos como o de Jair Bolsonaro, figura central nas eleições 2018 ao lado da prisão de Lula, possuem solo fértil em meio a crises políticas e econômicas, pois o resgate aos valores tradicionais e nacionalistas se torna a única solução aparente visto às circunstâncias de instabilidade.

Ao lado deste cenário, as últimas campanhas eleitorais brasileiras se caracterizaram pelo uso e incorporação maciça da internet e das mídias sociais como ferramenta de propaganda pelos candidatos (BRAGA, CARLOMAGNO, 2018).

A proporção do consumo de redes sociais no comportamento do eleitor trouxe mudanças significativas, ao lado de candidatos que não possuíam verba eleitoral, nem espaço nos principais veículos de informação, as redes sociais se tornaram o palco das discussões acirradas da política brasileira.

No estudo realizado por Braga e Carlomago (2018), comprovou que o uso crescente das redes sociais foi uma característica majoritária da eleição, especialmente o Facebook, e destacou uma associação positiva entre a presença online dos candidatos e os percentuais de votação, sendo assim um indicador direto da influência das redes sociais.

3.3 OS PRIMEIROS 100 DIAS DE GOVERNO BOLSONARO

De acordo com estudos da literatura norte-americana sobre Ciência Política, existe um período de trégua entre grande imprensa e oposição política frente aos presidentes recém-eleitos, caracterizando assim o período de Honey Moon, ou seja, Lua de Mel.

Para Sassara, Vieira e Júnior (2017), o conceito de Lua de Mel caracteriza um período em que os novos mandatários contam com certa boa vontade tanto da opinião pública, quanto do Legislativo e da mídia no início do seu governo.

No histórico do Executivo, de acordo com Sassara, Vieira e Júnior (2017), Michel Temer foi recebido com ânimo pelo Legislativo, até pela força do seu partido na Câmara e Senado, assim como nos noticiários, entretanto a sua opinião pública nunca ultrapassou os 14% de aprovação.

Já os primeiros 100 dias de governo Bolsonaro foram tumultuados. No aspecto da sua equipe governamental, dois ministros foram trocados, algo inédito ao compararmos o histórico de presidentes eleitos após a redemocratização.

Do paranóico demeanor do presidente a um gabinete fortemente militarizado e um sub-gabinete ap-pontos, o ex-capitão do Exército se comportou como nenhum outro presidente do história recente do país (Oyama 2020: 26-45; 71-87 *apud* NETO; PIMENTA, 2020, p. 189)

A relação com o Legislativo, ao contrário de Michel Temer, não teve trégua. A dificuldade de articulação foi demonstrada na falta de apoio necessário para aprovação da Reforma da Previdência, apresentada pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes.

De acordo com reportagem da BBC News, a instabilidade do início do mandato foi ocasionada pela dificuldade de articular uma coalizão política, estratégia essencial para o modelo presidencialista federativo e plural que se tem no Brasil. Conforme afirma Neto e Pimenta (2020, p. 190), “no que diz respeito às nomeações para o gabinete, como prometido durante a campanha, Bolsonaro não seguiu as regras do presidencialismo de coalizão do Brasil”.

Outra característica relevante foi referente a opinião pública, caracterizando o pior índice de rejeição (30% de acordo com o Instituto Datafolha) no início da administração.

Outro destaque nos 100 primeiros dias, foram indícios de movimentações suspeitas envolvendo a família de Bolsonaro pelo COAF, envolvendo o nome do presidente a possíveis desvios de verbas, um das suas principais críticas durante a campanha.

Revogações também fizeram parte desse cenário. Os vai-e-voltas, que são comuns em seu governo, começam logo nos primeiros cem dias com a revogação

da diminuição da Lei de Acesso à Informação, também provocada pela falta de articulação com o Legislativo.

A hipótese desta pesquisa, a partir do exposto, é o período de *honeymoon*, ou seja, a trégua da grande imprensa (JÚNIOR; BARBABELA, 2017) não aconteceu como esperado. Conforme apresentado nas seções anteriores, Bolsonaro faz parte do fenômeno político mundial da Nova Direita e, uma de suas características, é o ataque agressivo aos veículos de comunicação em massa e o cenário não foi diferente no Brasil.

Desta forma, esta tese apresenta como hipótese de que, devido a falta de consonância entre as filosofias e ideologias entre o veículo e o Governo Bolsonaro, não houve um período de trégua com exceção de quando a pauta era econômica, onde o veículo e o Governo se identificam com linhas liberais.

3.4 BOLSONARO E A FOLHA DE SÃO PAULO (FSP): A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO DO GOVERNO E OS GRANDES VEÍCULOS DE MÍDIAS

Em um evento na capital de São Paulo em 2019, Sérgio D'Avila, Editor-Chefe do jornal Folha de São Paulo, apresentou um compilado de trechos do presidente Jair Bolsonaro insultando com agressividade o veículo de comunicação. O vídeo apresentado possuía pequenos trechos e, juntos, formavam 40 minutos de agressividade do presidente frente ao veículo de comunicação.

Esse material desperta curiosidade frente a essa relação. Ao puxarmos o histórico das principais páginas de notícias no Brasil, a Folha de São Paulo, em comunhão ao Estado de São Paulo e ao O Globo, sempre estiveram alinhados à políticas de direita, conservadoras e liberais.

De acordo com Azevedo (2016), o jornal mantém até os dias atuais uma linha editorial pluralista interna, promovendo o debate público e o confronto de ideias e posições políticas divergentes, se posicionando de maneira crítica pelos seus editoriais. Mas, seu histórico editorial comprova que o jornal possui, ainda de acordo com Azevedo (2016), uma "posição liberal, tanto do ponto de vista político quanto econômico e, portanto, se localiza ideologicamente no polo oposto de políticas estatistas e nacional-desenvolvimentistas" (p. 95)

Do outro lado, ao caracterizar o Governo Bolsonaro, encontramos alguns principais grupos destacado por Neto e Pimenta (2020): (1) seus filhos (Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro), que protagonizaram manchetes desde o início de seu governo; (2) a ala militar, silenciosa, mas característica do governo; (3) a ala liberal, à qual deve destaque pois é neste grupo que encontra-se valores em comum com os veículos de comunicação em massa, em especial a Folha de São Paulo, que se posiciona filosoficamente liberal, além disso, este grupo é liderado por Paulo Guedes, ministro da Economia; (4) a ala da justiça, chamada como “lei e ordem” (NETO; PIMENTA, 2020, p. 191) e comandada por Sérgio Moro; (5) a ala ideológica, que protagoniza as críticas ao Governo, com destaques para Damares Alves (ministra da família, direitos humanos e mulheres), Abraham Weintraub (ministro da educação), Ernesto Araújo (ministro das Relações Exteriores) e Ricardo Salles (ministro do Meio Ambiente); (6) a ala política “leve”, composta por nomes dos partidos conhecidos por “centrão”, são eles: Onyx Lorenzoni (DEM), Tereza Cristina (DEM), Luiz Henrique Mandetta (DEM); (7) a bancada da extrema direita composta por deputados e senadores e, por fim, (8) a área da coalização, liderada pelo Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados.

Por fim, o que interessa para esse trabalho ao observar esse grupo é a característica heterogênea da composição do Governo, observando, conforme analisa Neto e Pimenta (2020), três grupos de extrema direita e outros de centro-direita.

Essa característica está ligada à relação da Folha de São Paulo com o Governo Bolsonaro. Por mais que, o discurso do Governo durante as eleições de 2018 tenha sido liberal, defendido pela composição dos grupos 2, 3, 4, 6 e 8, a ala de extrema-direita possui forte presença ideológica, contrariando o que o histórico da linha editorial da Folha de São Paulo vem defendendo, conforme será discutido na próxima seção.

Ao olharmos para fora da relação com a FSP, o boletim apresentado pela plataforma Manchetômetro¹, plataforma de dados que une notícias da primeira página e dos artigos e textos das duas páginas de opinião de O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Jornal Nacional, afirma que o governo está repleto de polêmicas do presidente em relação a imprensa brasileira.

Entre os grandes veículos de comunicação, ocorreu uma divisão entre uma chapa branca, ou seja, um polo alinhado ao Governo formado pelas TVs Record,

Bandeirantes e SBT e seus afiliados. Em contrapartida, se posicionou como oposição veículos do Globo, Folha de São Paulo e Estado, chapa que detém o monopólio de audiência e alcance.

A partir disso, com base nos dados do Manchetômetro, houveram indícios de Lua de Mel com a mídia da oposição, quando se olha para curvas da cobertura do Governo Federal no primeiro mês, todavia, a partir de março de 2020, a cobertura recebida pelo Jair Bolsonaro e Governo Bolsonaro foram em suma maioria contrárias.

Entretanto, dados da pesquisa realizada pela LEMEP (Laboratórios de Estudos de Mídias e Esfera Pública) em 2020, mostram que não há uma posição monolítica da mídia grande em relação do governo Bolsonaro, ou seja, quando se trata do presidente e seu Governo, o tratamento é negativo, mas quando refere-se a alguns atores, como Sérgio Moro e Paulo Guedes, a mídia trouxe mais benevolência em sua cobertura. Efeito causado devido à composição heterogênea já apresentada.

Esse movimento pode ser explicado pelo o que diz Ladeira (2019), ao afirmar que a mídia é contrária ao Jair Bolsonaro, mas se coloca firme em apoio às políticas neoliberais do seu governo. Logo, os atores políticos que defendem esses caminhos, recebem apoio da mídia.

Não se tratam, necessariamente, de críticas às medidas adotadas pelo governo, mas direcionadas exclusivamente à figura de Jair Bolsonaro. Ou seja, o recado dos principais veículos de comunicação do país ao presidente é bastante claro: “Pare de fanfarronice e coloque em prática as medidas que tanto almejamos, como as privatizações, a completa liberação de nossa economia para o capital externo e os cortes nos investimentos públicos”. Portanto, não há ruptura entre mídia e governo. Ambos estão unidos em defesa dos interesses das elites. (LADEIRA, 2019)

Em contrapartida, Jair Bolsonaro se posiciona contra a regulamentação da mídia, inclusive com o fim da emissão do registro profissional pelo Ministério do Trabalho para Jornalistas, assim como realiza frequentes ataques diretos aos jornalistas e aos veículos em entrevistas e coletivas. Fato que comprova o que o trabalho apresenta no capítulo anterior, ao observar movimentos agressivos da extrema-direita a seus opositores, que para Bolsonaro, a imprensa brasileira caracteriza.

A relação conturbada entre o veículo e o presidente chegou até ao Ministério Público, que solicitou ao Tribunal de Contas da União apuração sobre a exclusão da Folha de São Paulo da licitação para assinatura de jornal por perseguição.

Além disso, repórteres da Folha de São Paulo possuem processos abertos contra membros da Família Bolsonaro. Assim como, Jair Bolsonaro ameaça demitir ministros que receberem elogios do veículo.

Com base nesse histórico, é evidente a relação conturbada e agressiva entre o chefe do Executivo e um dos veículos mais tradicionais e de abrangência do Brasil, simbolizando as instabilidades e a ruptura da pacificidade entre mídias da oposição e governo.

Desta forma, essa pesquisa visa entender a partir da análise de dados pelo viés da Teoria do Enquadramento, como ocorre essa relação com foco temporal nos primeiros 100 dias do governo. Mas antes, a próxima seção busca apresentar o palco dessa relação: o jornal Folha de São Paulo.

3.5 A FOLHA DE SÃO PAULO: A OPOSIÇÃO PROTAGONISTA AO GOVERNO BOLSONARO

O jornal brasileiro de maior circulação no Brasil, fundado em 1921, percorreu diversos momentos históricos da política brasileira: desde a Era Vargas, à ditadura e a redemocratização. Mas, desde a eleição do Governo Bolsonaro em 2018, protagoniza uma relação conturbada com o chefe do gabinete do Executivo.

Com uma história de muitas transições, com base no resgate histórico feito por Azevedo (2016), destacam-se posicionamentos mais plurais e liberais desde sua fundação.

Em 1921, quando fundado, o jornal tinha como principais leitores as classes médias e trabalhadores, cenário que só mudou em 1930, após a venda do jornal para Octaviano Alves de Lima, que direcionou o editorial voltado para a elite rural. Mas, o cenário não durou muito, logo a FSP se posicionou como opositora ao Estado Novo, o golpe de 1937 protagonizado por Getúlio Vargas.

Mais uma vez, a voz do jornal foi calada pela compra do veículo pela elite paulistana. Esse momento, em 1960, foi fundada oficialmente o nome *Folha de São Paulo*, que logo em seguida, foi assumido por Octávio Frias de Oliveira, que o modernizou e assumiu “posições políticas marcadas pela oposição às bandeiras da

esquerda, como as reformas de base e o governo Jango, o apoio ao golpe de 1964 e a defesa decidida do regime autoritário” (AZEVEDO, 2016, p.92).

A partir de 1976, ocorre uma reforma gráfica e editorial importante para o jornal.

Estas mudanças se dão num período marcado pela abertura política, em que a luta pela anistia e redemocratização começa a ganhar impulso no País e o coração e as mentes da classe média. Reposicionado editorialmente, o jornal cresceu nos segmentos da audiência mais jovem e de classe média e apoiou a luta pela anistia, pela constituinte e eleições diretas, fazendo coberturas extensas de episódios políticos críticos para o regime militar, como a morte de Wladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, a invasão da PUC e as greves do ABC paulista lideradas por Lula. Mas, o grande momento do jornal neste período foi, sem dúvida, durante a campanha das “Diretas, Já” (MATOS, 2008), que recebeu apoio incondicional da publicação e tornou o diário líder de circulação e audiência no mercado, ultrapassando seu principal concorrente local, O Estado de S. Paulo. (AZEVEDO, 2016, p. 94)

Hoje, o jornal carrega a neutralidade a partir do pluralismo interno, trazendo espaço para confronto de ideias e posições políticas diferentes, com um editorial crítico e debate acirrado em suas colunas.

No trabalho realizado por Gronemeyer e Porath (2015), os autores discutem sobre a legitimidade e dever da imprensa sobre a coerência frente ao editorial.

O editorial é o discurso da imprensa por excelência, pois contém abertamente o interesse da empresa de notícias em participar da organização do espaço público e seu posicionamento ideológico vis-à-vis político-social contingência (González, 2005, p. 525 *apud* Gronemeyer; Porath, 2015, p. 140)

Ainda no trabalho de Gronemeyer e Porath (2015), é afirmado que o papel da diversidade da mídia, apresentado nos primeiros capítulos deste trabalho, é realizado pelas notícias, pois é neste local que o “jornal contribui para a consolidação da democracia com uma pluralidade de opiniões” (p. 140).

Sendo assim, o local onde é possível encontrar o seu posicionamento é a coluna de opinião. Sendo este o material de interesse dessa pesquisa para compreender a relação entre o veículo e o objeto, o Governo Bolsonaro, esse material foi coletado para análise desta pesquisa.

4 COLETA E CLASSIFICAÇÃO DE DADOS

O objeto empírico utilizado para esta pesquisa é composto pelos editoriais da Folha de São Paulo. Para a realização deste trabalho, foram coletados 199 editoriais, dois ao dia (com exceção do dia 03 de março de 2019 que foi publicado apenas um editorial), do período entre 1 de janeiro de 2019 e 10 de abril de 2019. O material foi coletado do Acervo Folha e separados em relação ao objeto desta pesquisa, o Governo Jair Bolsonaro, consolidando-se assim um total de 86 editoriais, que foram classificados em ator (institucional ou líderes do governo), valência e palavra-chave.

4.1 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS

Para classificação dos editoriais da FSP, após definir se o material estava relacionado ao objeto desta pesquisa, o próximo passo foi classificar de acordo com a sua categoria, são elas:

Corrupção Política: essa editoria tratou de assuntos envolvendo casos de corrupção envolvendo entes do governo.

Eleições Nacionais: essa editoria tratou de assuntos relacionados às expectativas da opinião pública frente ao governo, características do Bolsonaro que fizeram ele ser eleito e das bandeiras favoráveis durante as eleições.

Economia: essa editoria tratou de assuntos referentes ao Ministério da Economia, Paulo Guedes, medidas orçamentárias e impostos.

Internacional: essa editoria tratou de assuntos relacionados à visão do Brasil no exterior, posicionamento político frente à outros governos e assuntos globais e políticas migratórias.

Justiça: essa editoria tratou de medidas relacionadas à justiça no Brasil e medidas de segurança pública.

Política: essa editoria tratou de assuntos referente às pastas de Meio Ambiente, Ministério da Mulher e da Educação e seus respectivos ministros, decretos do presidente, distribuição de cargos na máquina pública, além da administração pública, quando refere-se a coalizões, transparência e nepotismo.

Outros: essa editoria uniu assuntos sociais como desastres, intolerâncias, mortes e abandono social, como moradia, amparo do governo e educação. Comumente essa editoria estava relacionada ao governo estadual. Além de outros que estavam fora das categorias anteriormente descritas.

4.2 DESCRIÇÃO DAS PALAVRAS-CHAVES

Os dados também foram classificados de acordo com a suas temáticas, a partir de palavra-chaves, são elas:

Ala militar: quando se referem a presença da ala militar do governo.

Cadência do governo: quando se refere à assuntos relacionados a resultados do governo.

Caso Queiroz: quando se refere ao caso de rachadinha com Fabrício Queiroz.

Coalizão: quando se refere à relação do legislativo com executivo, partido do Bolsonaro na Câmara.

Ideologia: quando se refere às características ideológicas de conservadorismo, Deus, valorização da família, combate a agenda de gênero, culto à nação, crítica ao marxismo cultural, comparação da ideologia com aceitação pública e expectativa popular de governo.

Medidas econômicas: quando se refere aos assuntos relacionados aos planos econômicos para reduzir despesas e receitas da União, planos econômicos de Paulo Guedes, aqui inclui reformas.

Medidas judiciárias: quando se referem às medidas referente ao combate ao crime organizado no Brasil.

Meio ambiente: quando se refere às medidas relacionadas a FUNAI, divisão de terras e desastres naturais como o de Brumadinho.

Nepotismo: quando se refere a casos de envolvimento familiar em cargos políticos.

Pacote anti crime: quando se refere aos assuntos relacionados ao pacote anticrime apresentado pelo Sérgio Moro.

Políticas migratórias: quando se refere a assuntos relacionados a migrações, principalmente na América Latina.

Posse de armas: quando se refere à bandeira da liberação de porte de armas levantada por Jair Bolsonaro durante sua campanha, seu decreto e opinião popular.

Postura: quando se refere à críticas a formas, falas, expressões, atuação do ator em questão.

Privatizações: quando se refere às medidas que tendem a privatizar órgãos estatais.

Relações EUA: quando se refere ao relacionamento do Governo JB com o governo norte-americano.

Segurança pública: quando se refere à assuntos relacionados a segurança pública nos estados e cidades brasileiras.

Transparência: quando se fala das medidas de transparência dentro do governo, Lei de Acesso à Informação.

5 ANÁLISE DE DADOS

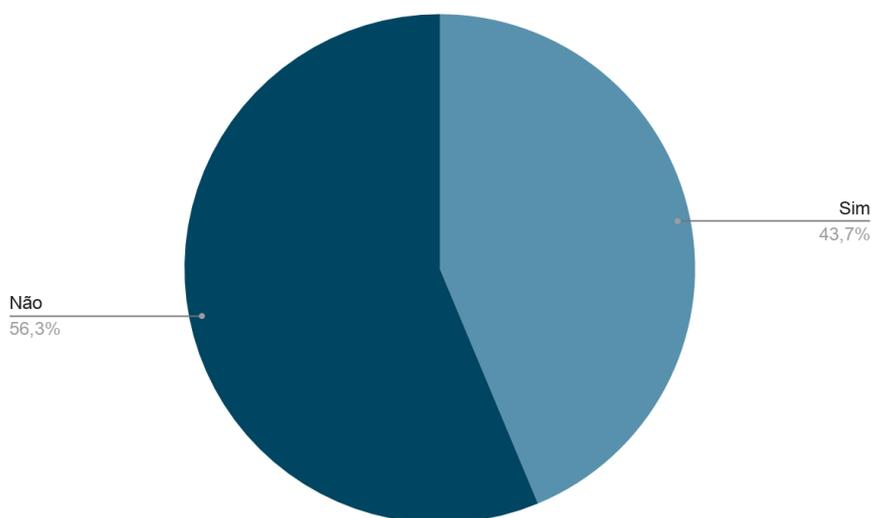
A partir das perguntas de pesquisas definidas neste trabalho, foi realizado o estudo do objeto de pesquisa a partir dos 199 editoriais do jornal Folha de São Paulo do período de 100 primeiros dias do ano de 2019.

A partir do argumento teórico e contextualização apresentado, este capítulo visa, a partir das perguntas apresentadas e dados analisados, responder às questões referentes a este trabalho.

5.1 EDITORIAIS QUE TRATAM DO OBJETO DE PESQUISA

A primeira pergunta que este trabalho busca responder é a quantidade de editoriais da Folha de São Paulo, no recorte temporal definido de 100 primeiros dias do governo, que são correspondentes ao objeto. Com base na análise definida, dos 199 editoriais estudados, 87 correspondem a objeto de pesquisa, correspondendo a 43%, conforme a tabela a seguir apresenta:

Gráfico 1 - Classificação de acordo com o objeto de pesquisa



Fonte: elaborado pela autora

Conforme definido, o objeto de pesquisa deste trabalho é o Governo de Jair Bolsonaro. Assim, de acordo com a análise de dados realizada, 87 dos 199 totais correspondem ao Governo (incluindo lideranças ou partidos) ou ao Presidente Jair Bolsonaro, contabilizando um total de 43,7%. Os que não se relacionam,

contabilizam 112 editoriais, ou seja, 56,3%. Esse primeiro dado foi obtido a partir da primeira leitura do material.

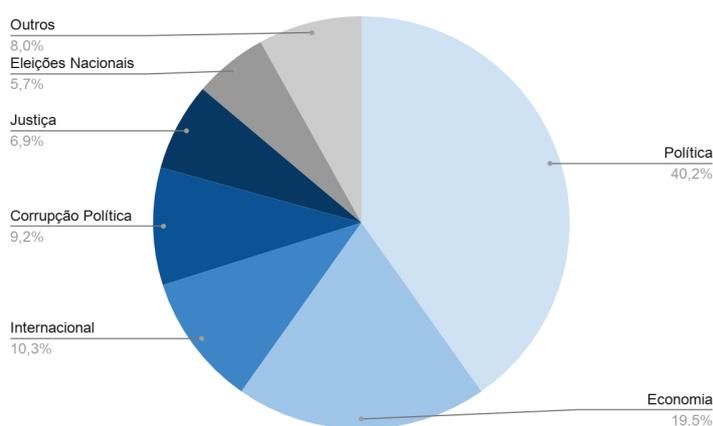
Com um número próximo a metade de editoriais com a temática acerca do governo no período estudado, a discussão levantada na seção referente a Folha de São Paulo quanto ao seu caráter crítico e oposicionista pode ser referida com essa informação. A Folha de São Paulo, após o resultado da eleição de 2018, manteve com uma quantidade relevante de conteúdo direcionado à analisar criticamente o governo, mostrando-se presente no seu papel de agente responsabilidade.

5.2 TEMAS, PARTIDOS E LIDERANÇAS RELACIONADOS AO GOVERNO

A partir da primeira classificação dos editoriais, entre aqueles que correspondem ou não ao objeto de pesquisa, os restantes foram analisados quanto ao tema, partido e lideranças envolvidos no objeto. Buscando responder a segunda questão: quais os temas, partidos e lideranças que estão relacionados ao governo na sua seção de opinião?

Com base na leitura, foram definidos os principais temas discutidos neste material empírico que pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Temas apresentados entre os editoriais que tratam do objeto de estudo



Fonte: elaborado pela autora

A partir da análise realizada foi possível identificar que dos 87 editoriais que correspondem ao material empírico 40%, ou seja, 35 editoriais falam sobre Política,

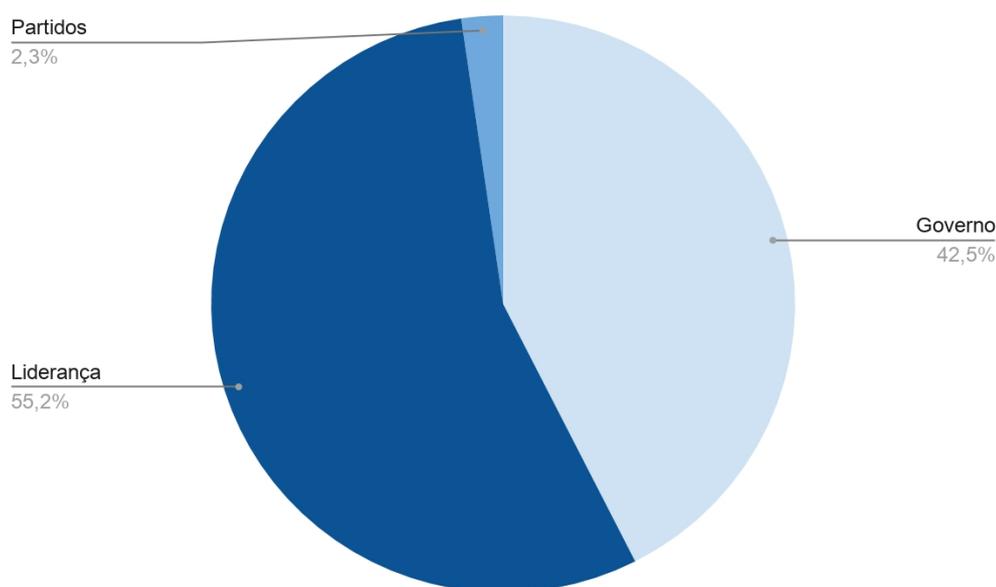
em segundo lugar, o tema Economia tem 19% (17 editoriais) de presença no material. Corrupção Política (8 editoriais) e temas Internacional (9 editoriais) ficam em terceiro e quarto lugar com, respectivamente, 9% e 10% do material empírico para cada temática. Outros temas como Justiça e Eleições tiveram, respectivamente 6 (6,9%) e 5 (5,7%) editoriais. E por último, com uma temática mais abrangente, 7 editoriais encontram-se na categoria Outros, que abraçou temas de diferentes pautas, assumindo 8%.

A partir disso, conclui-se que a soma maioria dos editoriais da Folha de São Paulo, quando relacionado ao Governo Jair Bolsonaro, falam sobre Política ou Economia.

Quanto aos protagonistas dos editoriais que tratam sobre o Governo Bolsonaro, temos 3 principais categorias: Governo Bolsonaro, quando se trata do Governo sem citar liderança específica; Partido, quando se trata dos partidos políticos associados ao governo; Lideranças, quando se trata de líderes específicos, incluindo o chefe do gabinete, Jair Bolsonaro.

O gráfico a seguir apresenta como os editoriais se dividem quanto às seus protagonistas:

Gráfico 3 - Principais grupos que protagonizaram os editoriais referentes ao objeto de estudo



Fonte: elaborado pela autora

Esse dado indica que a temática sobre partidos foi irrisória perto dos dois grandes eixos trabalhados pelo jornal em seus editoriais: o Governo e suas lideranças.

Para ilustrar, a tabela a seguir mostra em números quantos trataram sobre Partidos.

Tabela 1 - Partidos e a quantidade de editoriais relacionados ao objeto

Partidos	Total
PSL	2

Fonte: elaborado pela autora

O PSL apareceu em dois editoriais. O primeiro foi no início do Governo, no dia 06 de janeiro, que com valência positiva a Folha de São Paulo elogia o movimento de coalizão adotado pelo, até então, partido do presidente. Contudo, o segundo editorial foi publicado em 12 de fevereiro de 2019 e o cenário mudou. Com altas críticas, a FSP cobra quanto às candidaturas falsas do partido, pauta que virou notícia naquela semana.

Quanto às lideranças relacionadas ao objeto, 10 nomes foram encontrados, sendo 8 ministros, o vice-presidente e o presidente Jair Bolsonaro. Além disso, nessa seção inclui a Família Bolsonaro, totalizando 11 lideranças. A tabela a seguir apresenta os dados:

Tabela 2 - Líderes e a quantidade de editoriais relacionados ao objeto

Líderes	Total
Abraham Weintraub	1
Damare Alves	1
Ernesto Araújo	1
Família	3
Hamilton Mourão	1

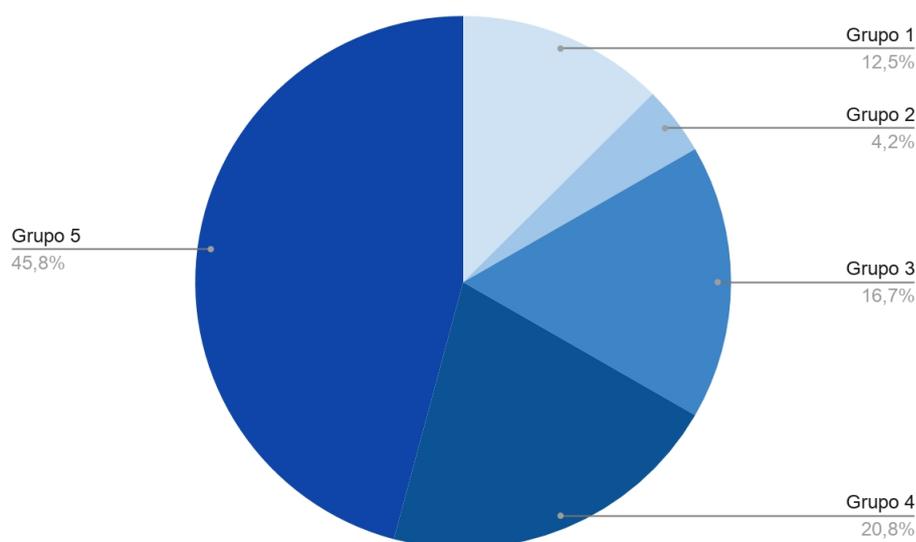
Jair Bolsonaro	24
Marcelo Álvaro Antonio	2
Paulo Guedes	4
Ricardo Salles	2
Ricardo Vélez	4
Sérgio Moro	5

Fonte: elaborado pela autora

Nesta tabela alguns pontos importantes devem ser levantados. Recapitulando o que Neto e Pimenta (2020) trouxeram como formação do Governo Bolsonaro, ou seja, os 8 principais grupos: (1) seus filhos (Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro); (2) a ala militar; (3) a ala liberal; (4) a ala da justiça; (5) a ala ideológica; (6) a ala política; (7) a bancada da extrema direita do senado; (8) a área da coalizão. Foram citados pelo jornal representantes do grupo 1, sendo a família Bolsonaro; o grupo 2, pelo vice-presidente Hamilton Mourão; o grupo 3, pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes; o grupo 4, pelo - até então - Ministro da Justiça, Sérgio Moro; o grupo 5, pelos Ministros Abraham Weintrub, Damarens Alves, Ernesto Araújo, Marcelo Álvaro Antonio, Ricardo Salles e Ricardo Veléz; o grupo 6, 7 e 8 não foram representados.

Ao olharmos a porcentagem desses números a partir dos grupos, eliminando os 24 editoriais sobre Jair Bolsonaro, observa-se o gráfico a seguir:

Gráfico 4 - Lideranças Políticas a partir dos grupos do Governo Bolsonaro por Neto e Pimenta (2020)



Fonte: elaborado pela autora

É possível identificar que, a soma maioria dos protagonistas dos editoriais da Folha de São Paulo sobre o Governo Bolsonaro, quando se trata de lideranças políticas, foi o Grupo 5, que corresponde a ala ideológica do governo. Ala que, de acordo com histórico da FSP, se opõem filosoficamente contra os ideais do veículo de comunicação.

A partir da composição dos editoriais, a próxima seção foca no enquadramento dado a esses protagonistas.

5.3 ENQUADRAMENTOS

A terceira pergunta que esta pesquisa visa responder é referente aos enquadramentos associados aos partidos e lideranças que compõem o governo. Nesta seção, busca-se compreender com quais enquadramentos cada partido e liderança foram associados.

Iniciando com os partidos, no qual obtive o menor número de editoriais que tratam sobre, a tabela a seguir demonstra suas respectivas valências.

Tabela 3 - Editoriais relacionados ao Governo Jair Bolsonaro e ao PSL com suas respectivas valências

Partidos	Positiva	Negativa	Neutra	Total
----------	----------	----------	--------	-------

PSL	1	1	0	2
-----	---	---	---	---

Fonte: elaborado pela autora

Conforme apresenta a tabela, apenas 2 editoriais correspondem ao objeto, derivados do escândalo das candidaturas falsas, que estourou em fevereiro de 2019 e da expectativa frente à chegada do novo partido ao governo.

O que obteve a valência negativa foi referente à acusação de corrupção durante as eleições, que pressionou o partido devido sua campanha focada no combate à corrupção nas eleições. A valência positiva foi referente às coalizões que o partido estava construindo no Congresso.

Aqui é válido destacar que, o “centrão” costuma ser os mais alinhados politicamente ao editorial da FSP. Desta forma, a coalizão do governo da nova direita no Brasil com essa ala é de entusiasmo ao veículo.

Ao partir para os editoriais que tratam sobre o Governo sem uma liderança específica, identifica-se:

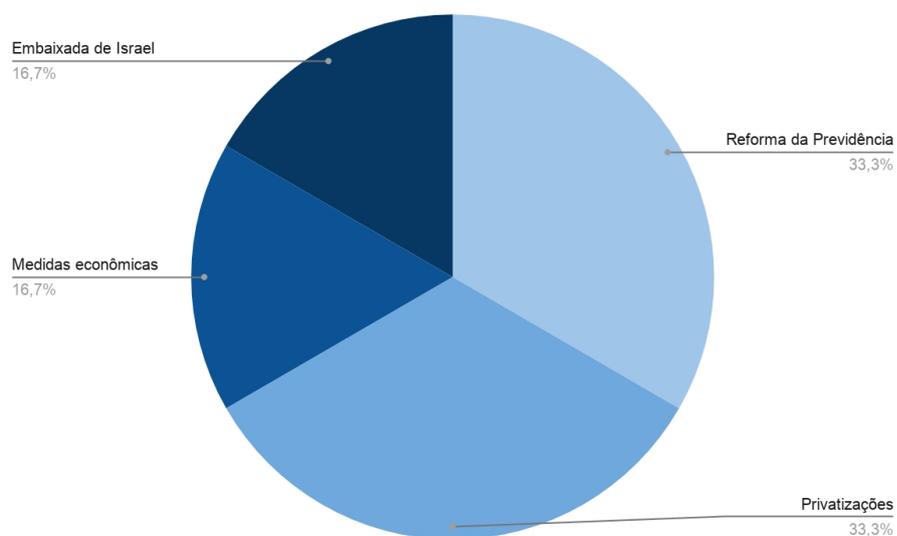
Tabela 4 - Editoriais relacionados ao Governo Bolsonaro, sem liderança específica, com suas respectivas valências

Protagonismo	Positiva	Negativa	Neutra	Total
Governo Bolsonaro	6	25	6	37

Fonte: elaborado pela autora

Aqui, ao contrário da tabela anterior, observa-se maior discrepância entre as valências. Correspondendo 67,5% à valência negativa, 16,2% à valência positiva e 16,2% à neutra. As que correspondem à um viés positivo estão ligadas às palavras-chaves:

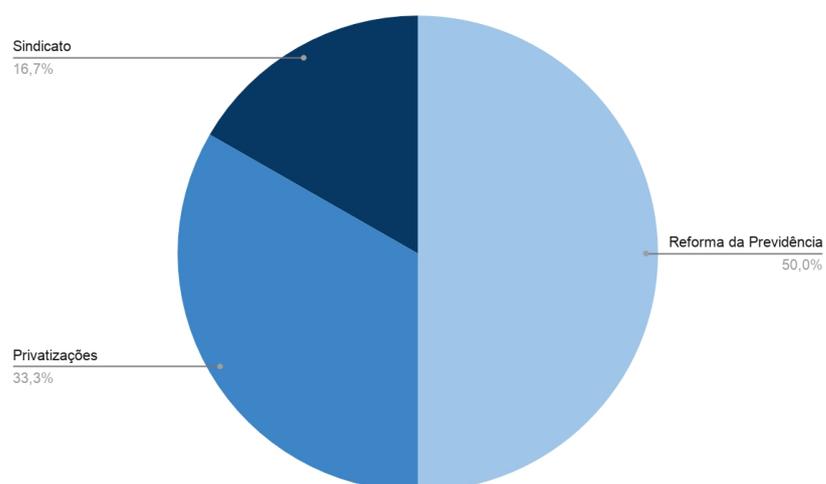
Gráfico 5 - Palavras-chaves que correspondem às valências positivas quanto ao Governo Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora

83,3% das vezes que a Folha de São Paulo apresentou um viés positivo ao Governo Bolsonaro era quando se tratava de medidas econômicas, Reforma da Previdência ou privatizações. Quando a Embaixada de Israel deixou de ser uma pauta do governo, a FSP também elogiou a medida. Aqui identifica-se mais um padrão da FSP: entre as temáticas alinhadas à filosofia liberal que o veículo defende, foram encontrados padrões de apoio da FSP ao Governo.

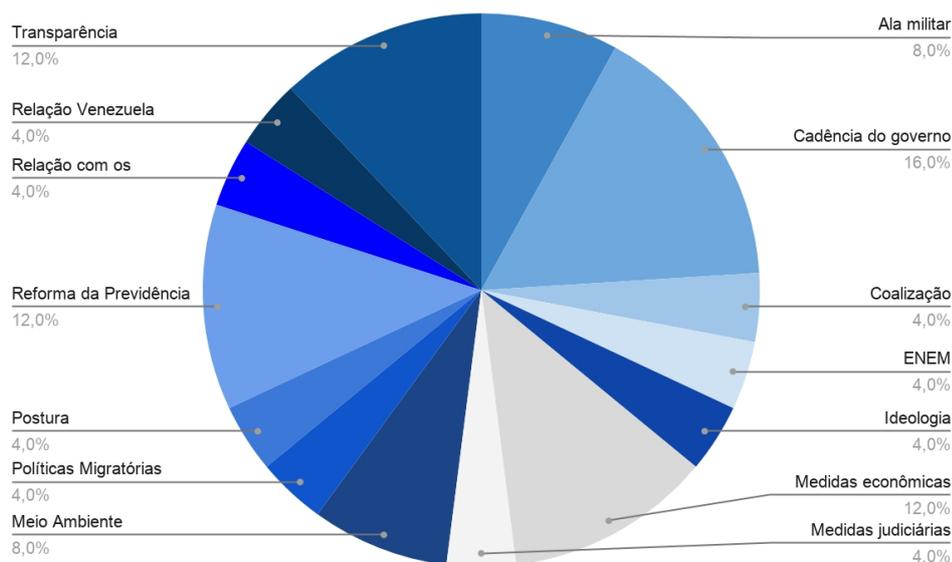
Gráfico 6 - Palavras-chaves que correspondem às valências neutras quanto ao Governo Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora

Quando a FSP se posicionou de maneira neutra frente ao Governo Bolsonaro, as temáticas de valência positiva se repetem: reforma da previdência, privatizações e, com o acréscimo, da temática de Sindicatos.

Gráfico 7 - Palavras-chaves que correspondem às valências negativas quanto ao Governo Bolsonaro

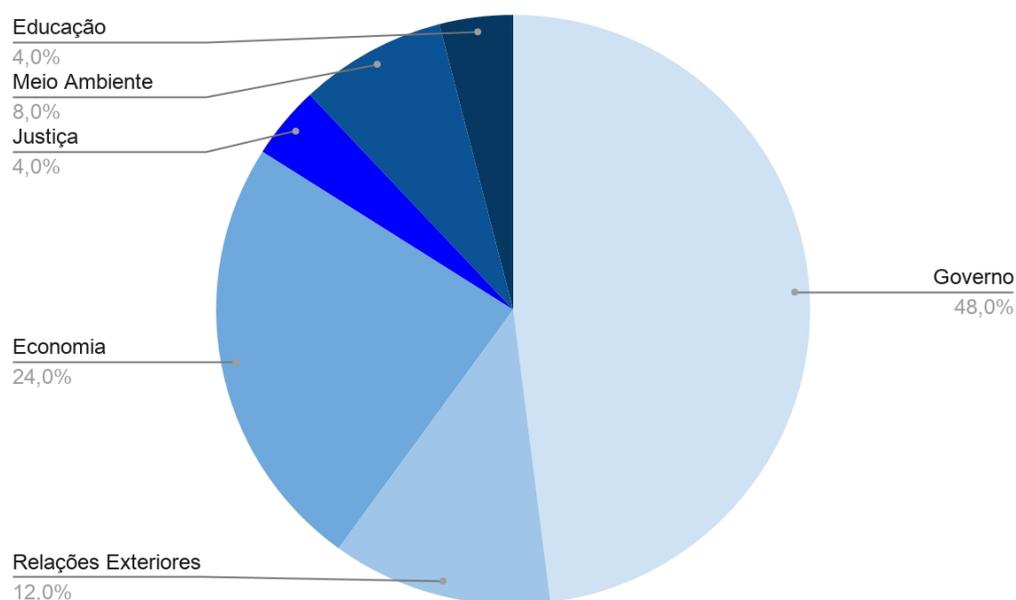


Fonte: elaborado pela autora

Com o maior número de editoriais, as temáticas ficam mais amplas. Desta forma, é possível identificar alguns grande grupos de temática: (1) Governo, que engloba: transparência, postura, cadência, ideologia, ala militar e coalização; (2) Relações Exteriores, que engloba: Relação Venezuela, Relação Estados Unidos, Políticas Migratórias; (3) Economia, que engloba: Reforma da Previdência e medidas econômica; (4) Justiça, que engloba: medidas judiciais; (5) Meio Ambiente, que engloba: Meio Ambiente; (6) Educação, que engloba: ENEM.

Com a categorização em grupos, obteve-se o gráfico:

Gráfico 8 - Palavras-chaves categorizadas que correspondem às valências negativas quanto ao Governo Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

Ao categorizar as palavras-chaves em grupos é possível identificar que 48%, ou seja, quase metade dos editoriais onde a FSP criticou o Governo Bolsonaro, era referente ao Governo (cadência, postura, ideologia, sua ala militar ou o problema com as coalizões).

Outro ponto importante nessa categorização é referente à Economia. Os 24% chamaram atenção visto ter sido a temática mais “elogiada” pela FSP frente ao Governo, contudo, ao adentrar nesses editoriais, observa-se que a pauta econômica se tornou crítica quando a Reforma da Previdência abria para flexibilidade ou travava por falta de coalizão. Mais uma vez, afirmando que, quando se trata de políticas liberais, a FSP se põe com uma postura bem incisiva.

Partindo para as lideranças, a tabela a seguir mostra como as valências dos editoriais se comportam:

Tabela 5 - Editoriais relacionados as Lideranças do Governo Bolsonaro com suas respectivas valências

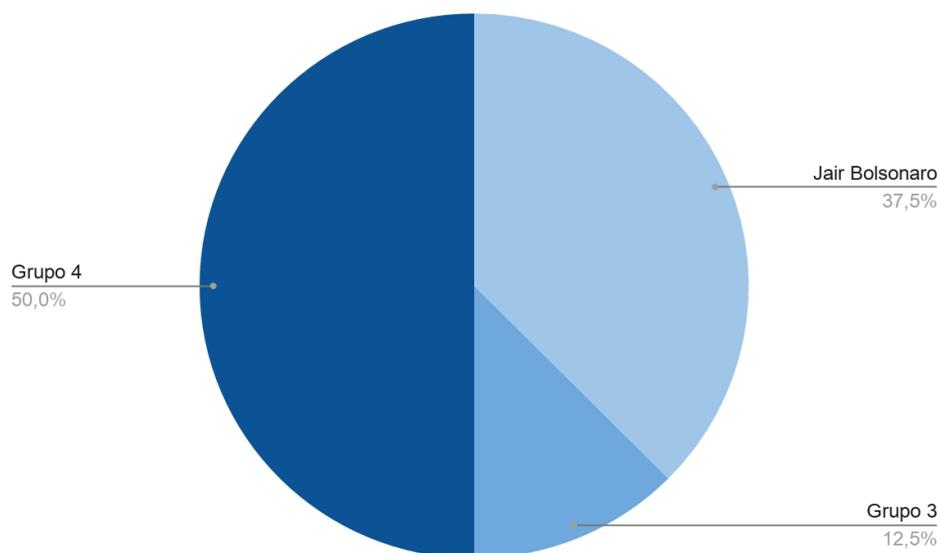
Líder	Positiva	Neutra	Negativa	Total
-------	----------	--------	----------	-------

Abraham Weintraub	0	0	1	1
Damarens Alves	0	0	1	1
Ernesto Araújo	0	0	1	1
Família	0	0	3	3
Hamilton Mourão	0	0	1	1
Jair Bolsonaro	3	0	21	24
Marcelo Álvaro Antônio	0	0	2	2
Paulo Guedes	1	1	2	4
Ricardo Salles	0	0	2	2
Ricardo Vélez	0	0	4	4
Sérgio Moro	4	0	1	5

Fonte: elaborado pela autora.

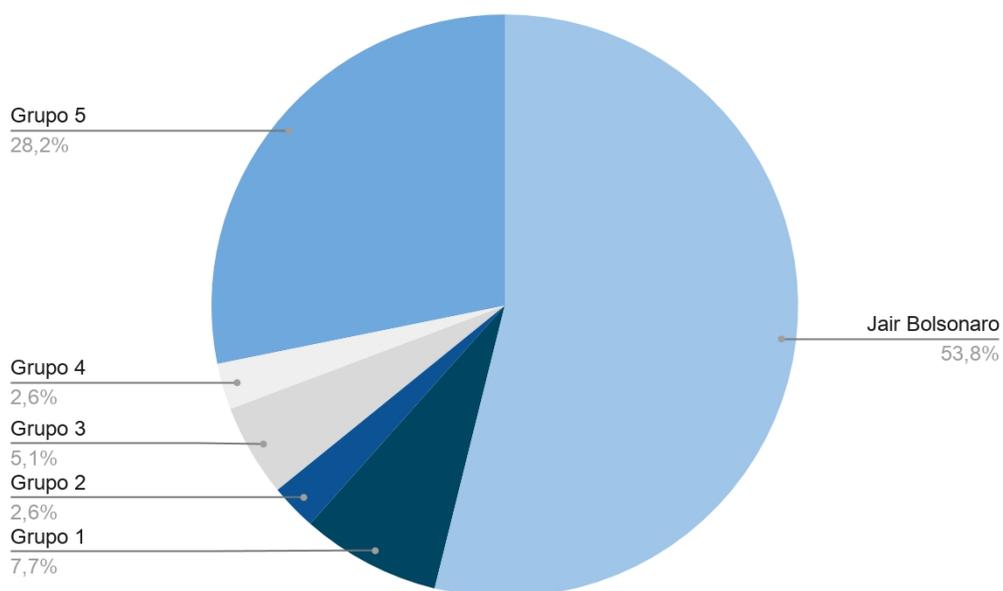
Ainda com base na divisão de grupos adotada por Neto e Pimenta (2020), as lideranças foram divididas e apresentadas com base em cada valência. Para retomar, são eles: (1) seus filhos (Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro); (2) a ala militar; (3) a ala liberal; (4) a ala da justiça; (5) a ala ideológica; (6) a ala política; (7) a bancada da extrema direita do senado; (8) a área da coalizão. Foram citados pelo jornal representantes do grupo 1, sendo a família Bolsonaro; o grupo 2, pelo vice-presidente Hamilton Mourão; o grupo 3, pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes; o grupo 4, pelo - até então - Ministro da Justiça, Sérgio Moro; o grupo 5, pelos Ministros Abraham Weintraub, Damarens Alves, Ernesto Araújo, Marcelo Álvaro Antonio, Ricardo Salles e Ricardo Veléz; o grupo 6, 7 e 8 não foram representados.

Gráfico 9 - Enquadramento positivo referente aos grupos de liderança e Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 11 - Enquadramento negativo referente aos grupos de liderança e Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

Quando se trata de valência positiva, os líderes que a FSP destaca são os em suma maioria do Grupo 4, ao lado do 3, que são, respectivamente, a ala liberal e a

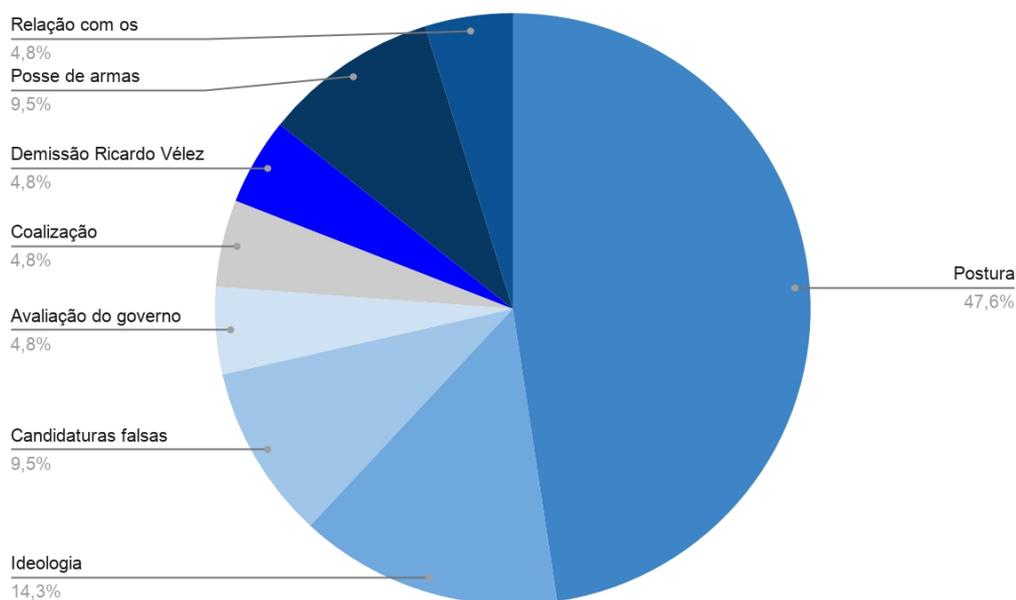
ala da justiça, que possuem como representantes os Ministros Paulo Guedes e Sérgio Moro.

Quando se trata de valência negativa, os líderes que a FSP destaca são os inseridos no Grupo 5, compostos pela ala ideológica e representados neste trabalho pelos Ministros Dameres Alves, Ernesto Araújo, Ricardo Vélez, Ricardo Salles, Marcelo Álvaro Antônio, Abraham Weintraub.

Esses dados validam a hipótese de que a FSP apoia a política liberal do seu Governo, comandada por Paulo Guedes. Contudo, crítica com uma postura incisiva a ala ideológica do Governo.

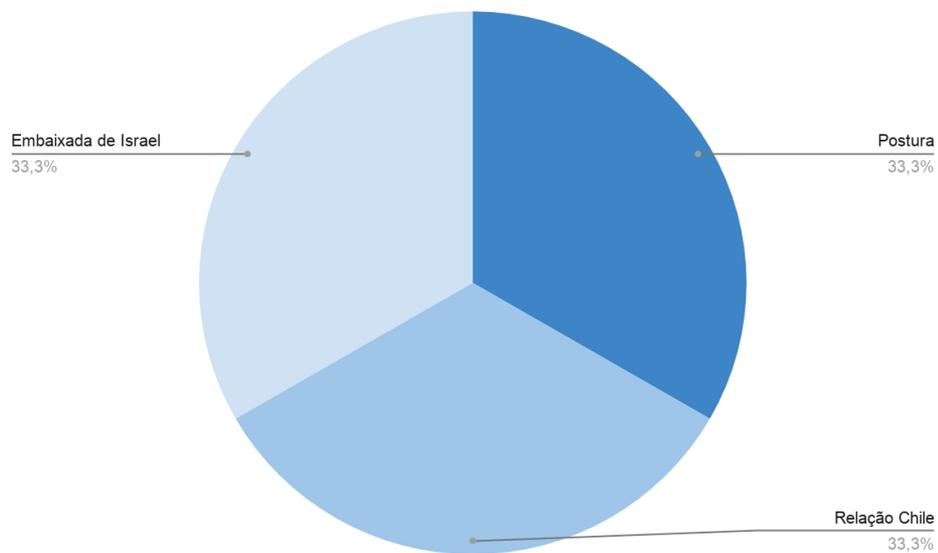
Para validar essa informação, os próximos dois gráficos mostrarão o padrão de palavras-chaves de quando há valência positiva ou negativa ao Jair Bolsonaro.

Gráfico 12 - Palavra-chaves que correspondem às valências negativas quanto à Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

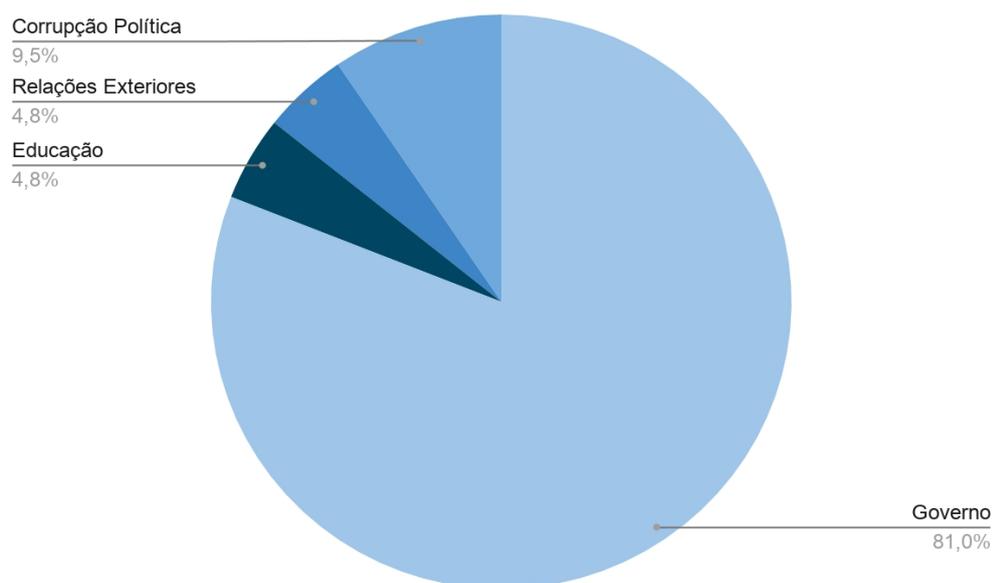
Gráfico 13 - Palavra-chaves que correspondem às valências positivas quanto à Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

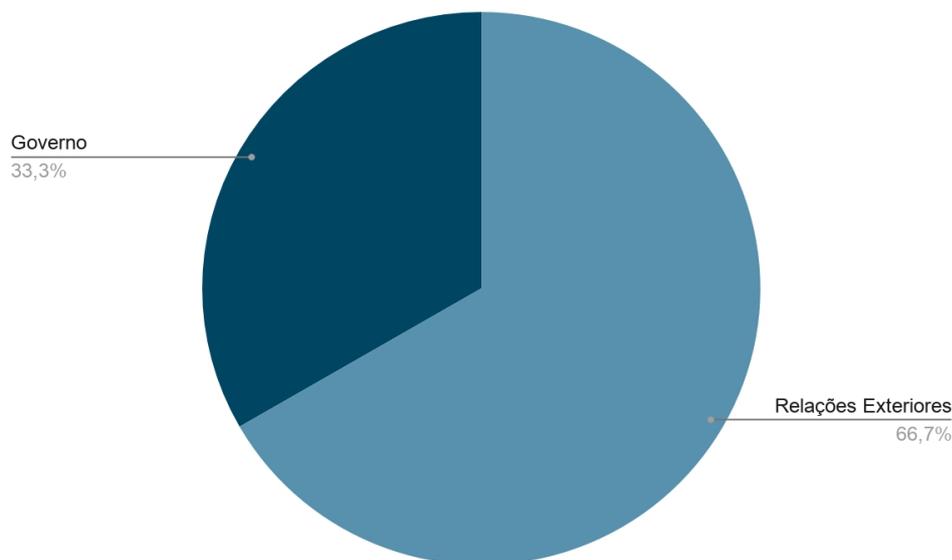
Seguindo os padrões de categorização do Gráfico 8.

Gráfico 14 - Palavra-chaves que correspondem às valências negativas quanto à Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 15 - Palavra-chaves que correspondem às valências positivas quanto à Jair Bolsonaro



Fonte: elaborado pela autora.

Os últimos 4 gráficos repete o padrão encontrado entre os Líderes de Governo, quando se trata de pautas categorizadas como “Governo”, na qual esse trabalho engloba palavra-chaves como: postura, ideologia, avaliação do governo e coalizão, o jornal Folha de São Paulo se posiciona criticamente ao governo, resgatando seu caráter oposicionista ao governo.

Resgatando o argumento apresentado no Capítulo 3 desta pesquisa, não se trata sobre críticas adotadas pelo Governo, se trata da postura adotada pela figura Jair Bolsonaro e o que ele representa quanto ao conservadorismo e retrocesso em sua bancada ideológica.

Não se tratam, necessariamente, de críticas às medidas adotadas pelo governo, mas direcionadas exclusivamente à figura de Jair Bolsonaro. Ou seja, o recado dos principais veículos de comunicação do país ao presidente é bastante claro: “Pare de fanfarronice e coloque em prática as medidas que tanto almejamos, como as privatizações, a completa liberação de nossa economia para o capital externo e os cortes nos investimentos públicos”. Portanto, não há ruptura entre mídia e governo. Ambos estão unidos em defesa dos interesses das elites. (LADEIRA, 2019)

Para complementar o argumento, a próxima tabela traz as palavras-chaves relacionadas à liderança do Governo, incluindo Jair Bolsonaro.

Tabela 6 - Temáticas relacionadas aos líderes do Governo Bolsonaro nos editoriais

Palavra-chave	Positiva	Negativa	Neutra	Total
Posse de armas	0	2	0	2
Ideologia	0	7	0	7
Medidas econômicas	1	1	1	3
Pacote anti crimes	2	1	0	3
Postura	1	12	0	13
Nepotismo	0	1	0	1
Segurança Pública	1	0	0	1
Caso Queiroz	0	3	0	3
Meio Ambiente	0	1	0	1
Candidaturas falsas PSL	0	4	0	4
Relação Estados Unidos	0	1	0	1
Relação Chile	1	0	0	1
Embaixada de Israel	1	0	0	
Coalizão	0	2	0	2
Ricardo Vélez	0	1	0	1
Avaliação do Governo	0	1	0	1
MEC	0	2	0	2
Medidas judiciais	1	0	0	1

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observar a tabela, é possível identificar que a concentração de valência positiva está em medidas econômicas, judiciais e relações exteriores. Quando a valência negativa destaca-se postura e ideologia. Validando a hipótese apresentada por esse trabalho que afirma que a mídia é oposicionista à Jair Bolsonaro, mas se coloca em apoio às políticas neoliberais alinhadas a postura filosófica do veículo.

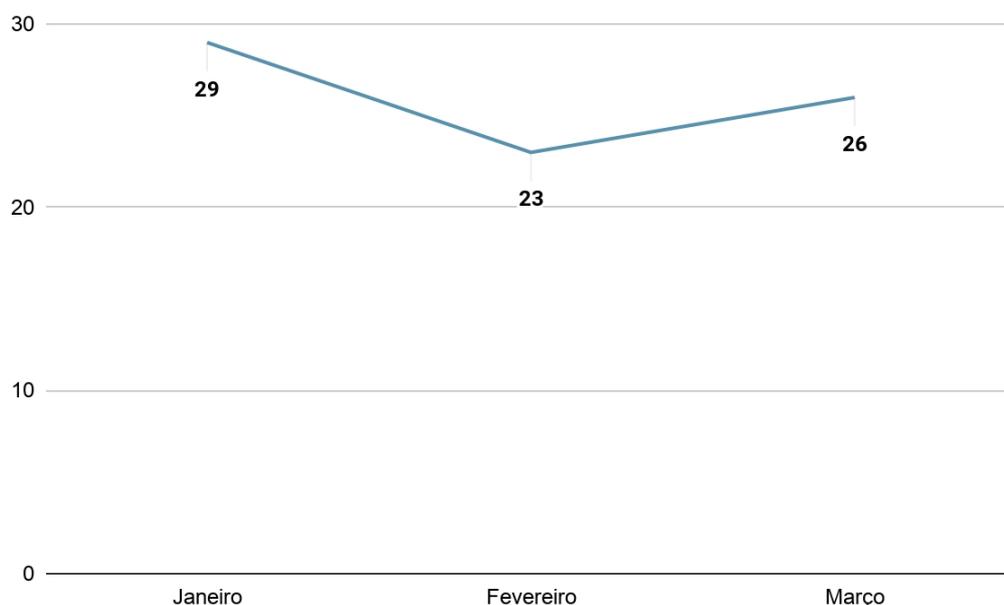
Assim, quando as pautas referem-se a posturas conservadoras e características da Nova Direita, a FSP se opõe. Se as pautas apresentadas forem políticas econômicas neoliberais, a FSP se coloca em apoio.

5.4 HONEYMOON

Um dos objetivos deste trabalho é identificar se ocorreu o período de *honeymoon*, ou seja, a lua de mel entre o presidente Jair Bolsonaro e o jornal Folha de São Paulo.

Para identificar este dado, o gráfico a seguir apresenta por mês a quantidade de editoriais apresentados:

Gráfico 16 - Editoriais que estão relacionados ao objeto de pesquisa durante o recorte temporal



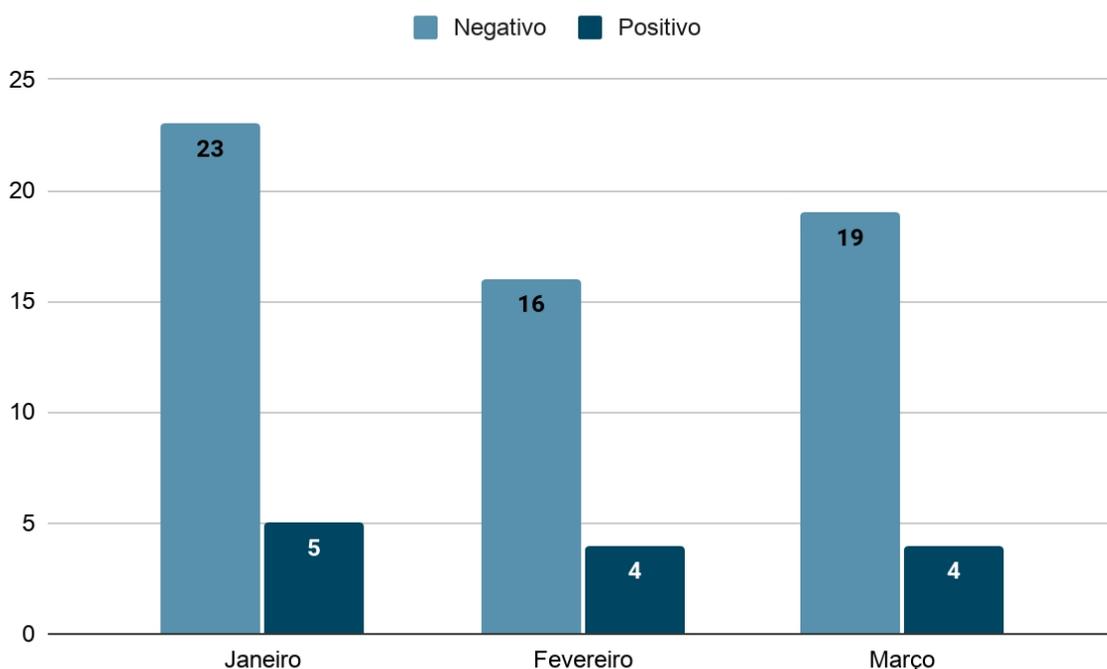
Fonte: elaborado pela autora

Com uma média de 60 editoriais por mês, a Folha de São Paulo dispensou, no primeiro mês, metade da sua seção de opinião para tratar de Jair Bolsonaro. Movimento esperado, partindo do princípio que seria esse o primeiro Governo fora da polarização PT-PSDB há 20 anos.

Este número teve uma primeira queda, 7 editoriais no segundo mês, mas logo no terceiro mês voltou a crescer. Principalmente pela presença de tumultos e eventos no Governo, como a Reforma da Previdência e postura de alguns ministros, como Ricardo Veléz e Ricardo Salles, com medidas polêmicas.

Ao olharmos a partir da valência, temos mais uma visão sobre os 100 dias e o honeymoon.

Gráfico 17 - Editoriais que estão relacionados ao objeto de pesquisa durante o recorte temporal a partir de sua valência



Fonte: elaborado pela autora

As críticas ao governo não reduziram com expressividade e o apoio decaiu, ou seja, esse comportamento demonstra que não houve um período de honeymoon no Governo Bolsonaro. A justificativa está diretamente atrelada à origem do governo.

O Governo Bolsonaro, conforme defendido no capítulo, faz parte de um fenômeno mundial que coloca-se em oposição aos veículos de comunicação. Desta forma, o próprio governo não procurou a trégua na relação com os veículos e, assim, obteve-se esses números.

6. CONCLUSÃO

A dissertação apresentada teve como objetivo compreender como o jornal Folha de São Paulo retratou o Governo Bolsonaro na sua seção de opinião durante os primeiros 100 dias de governo (01 de janeiro até 10 de abril de 2019). O foco principal foi compreender como a cobertura da FSP aconteceu a partir dos seus atores políticos, temáticas e valências. Desta forma, o estudo do enquadramento foi a metodologia escolhida. Além disso, fora o principal, essa dissertação também apresentou o contexto em que o objeto se encaixa, assim como o entendimento do objeto empírico, ou seja, a comunicação política e os jornais impressos.

Tendo como referência o objetivo definido acima, a pesquisa seguiu a partir da seguinte pergunta: como a FSP retratou o Governo Bolsonaro nos primeiros meses de mandato? Para responder, foi necessário se atentar a outras questões ancoradas: quantos editoriais tratam do objeto de pesquisa? Quais os temas, partidos e lideranças que estão relacionados ao governo na sua seção de opinião? Quais os enquadramentos associados aos partidos e lideranças que compõem o governo? Assim, foi possível identificar a agenda e compreender como foi feita essa relação.

Em busca dessas respostas, foram analisados 199 editoriais da Folha de São Paulo, entre os dias 01 de janeiro de 2019 até 10 de abril de 2019, período correspondente aos 100 primeiros dias de Governo e, também conhecido por "*honeymoon*". A análise do material foi feita a partir das seguintes perguntas: está relacionado ao objeto? Quem é o principal ator político? Qual a pauta discutida? Qual sua valência?

A hipótese desta pesquisa é que não existiu o período de *honeymoon* entre o Governo Bolsonaro e a FSP, principalmente, por discordâncias ideológicas entre o Governo e o seu movimento que faz parte com política filosófica do veículo. Com exceção apenas para pautas econômicas, que estão alinhadas a política liberal do veículo.

A partir da análise destes dados, o objetivo foi compreender as relações entre valências e as temáticas/atores abordados, quando se tratava do Governo Bolsonaro. Ainda foi possível entender, relacionando o estudo dos meios de comunicação, cobertura do Jornalismo Político no Brasil, como os padrões entre temáticas e valências aconteceram. E, desta forma, obtendo conclusões sobre a cobertura realizada pelo veículo.

A partir dos pressupostos técnicos e dos dados apresentados, destaco conclusões fundamentais que sintetizam os achados desta dissertação e que foram apresentados ao longo do trabalho. O primeiro, foram apresentados 87 editoriais referentes ao Governo ou ao Presidente Jair Bolsonaro, representando 56,3% da cobertura na seção de opinião da FSP, que foram relacionados com as diferentes alas categóricas do Governo, mas com destaque para as alas ideológica, liberal e justiça, que correspondem, respectivamente, a 45,8%, 20,8% e 16,7%. Quanto às valências, 67,5% de todo o conteúdo publicado na seção de opinião da FSP foi com valência negativa referente ao Governo Bolsonaro, líderes e partidos.

A segunda conclusão diz respeito à relação entre as valências e atores, fato que chamou atenção durante o desenvolvimento da pesquisa. A soma maioria dos editoriais que estavam relacionados ao Governo Bolsonaro tratavam sobre Política ou Economia, mas dentro dos editoriais existiam alas com protagonistas que representavam bandeiras do Governo. Ao tratar da ala ideológica, a FSP se coloca como crítica frente ao Governo Jair Bolsonaro. Contudo, quando se trata da ala liberal, que defendem pautas político-econômicas liberais, a FSP se coloca em consonância. Ao relacionar esses dados com o histórico e o posicionamento do veículo, a FSP realiza a cobertura de forma coerente com seus princípios e filosofias defendidas.

A terceira e última conclusão diz respeito ao *“honeymoon”*, conforme apresentado no trabalho, houve um equilíbrio e, até mesmo, um pequeno crescimento do segundo para o terceiro mês na cobertura do Governo na seção de opinião da FSP. Desta forma, observa-se que não houve o período de trégua entre o Governo e o veículo, o que está relacionado ao tema tratado na seção 3.1, que explica o movimento da Nova Direita no Brasil e no mundo, onde o Governo Bolsonaro se encaixa e faz parte dos atores políticos que se colocam contra os grandes veículos de imprensa.

Em suma, este trabalho apresentou um recorte dos 100 primeiros dias de um Governo que veio na contramão do que o histórico político brasileiro apresentava. Além disso, suas características específicas demonstravam, desde o período eleitoral, que a relação entre os veículos de imprensa não seria pacífica. Desta forma, o recorte representou a relação conturbada quando se refere às ideologias apresentadas, mas também evidenciou que, quando o Governo está alinhado às

políticas e filosofias do veículo, o seu apoio é observado nas suas páginas de opinião.

7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. Sage Journals [online]. Vol. 20. P. 906-923. 2017.

AZEVEDO, Fernando. "Agendamento da política". In: *Comunicação e Política: conceitos e abordagens* / RUBIM, A. (org). Salvador: Edufba. 2004.

_____. "Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político". *Opinião Pública*. Vol. 12, nº 1. 2006.

_____. "A grande imprensa brasileira. Paralelismo político e antipetismo (1989-2014)". Tese apresentada para obtenção do cargo de Titular na Universidade Federal de São Carlos (Ciência Política). 2016.

_____. "A grande imprensa e o PT (1989-2014)". Edufscar. São Carlos, 2017.

_____. "PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014)". *OPINIÃO PÚBLICA*, v. 24, p. 270-290, 2018.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. *Estud. av.* [online]. 2017, vol.31, n.89, pp.51-60.

BRAGA, Sergio. CARLOMAGNO, Marcio. Elections as usual? longitudinal analysis of the changes caused by digital technologies in Brazilian electoral campaigns (1998-2016). *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2018, n.26, pp.7-62.

CEPEDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Revista de Ciências Sociais*. V. 23, N.2 (2018).

COOK, Timothy. O jornalismo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº6, P. 203-247. Brasília, 2011.

DAHL, Robert. *La poliarquía*. Madrid: Tecnos, 1989.

GAMSON, William; MODIGLIANI, Andre. Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: A Constructionist Approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

GOMES, Wilson. MAIA, Rousiley. *COMUNICAÇÃO E DEMOCRACIA: Problemas & Perspectivas*. São Paulo: Paulus, 2008.

GRONEMEYER, M. E., & PORATH, W. (2015). A Study on Homogeneity between Editorials and News Sources Opinions in the Chilean Reference Press. *Cuadernos.info*, 36, pp. 139–153.

HABERMAS, Jürgen. *Faktizität und Geltung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.

HALLIN, DC, MANCINI, P. *Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

JUNIOR, João Feres. BARBABELA, Eduardo. Dois Prefeitos, Duas Medidas: A Lua de Mel na grande imprensa paulista. *Revista Opinião Pública*. Belo Horizonte, ano 9, n. 2, p. 22-35, set. 2017.

JUNIOR, João Feres. SASSARA, L. Corrupção, escândalos e a cobertura midiática da política”. *Novos Estudos - Cebrap* , vol. 35 , nº 2 , p. 205 - 225 , 2016 .

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2015, n.124, pp.652-664.

MAZZOLENI, Gianpietro. *La Comunicación Política*. Alianza Editorial, Madrid, 2010.

MANIN, Bernard. *As Metamorfoses do governo representativo*. 1995.

MANIN, Bernard. A democracia do público reconsiderada. *Novos estudos – CEBRAP*, n. 97, p. 115-127, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARQUES, F; CERVI, E. MASSUCHIN, M. *Perspectivas para o Jornalismo Político in Estudos sobre Jornalismo Político*. CPOP, Curitiba, 2018.

MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda – a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MCQUAIL, Denis. *Teorias da comunicação de massa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

NETO, Octavio Amorim. PIMENTA, Gabriel Alves. The First Year of Bolsonaro in Office: Same Old Story, Same Old Song?. *Revista de Ciência Política (Santiago)*. 20(2): 187-213.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia de crítica da mídia. *SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. 2007.

SCHUDSON, M. A revolução no jornalismo norte-americano na era do Iguaritarismo: a Imprensa Penny. In: *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SHOEMAKER, Pamela. VOS, Tim. *Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia*. 2011.

THOMPSON, John. El escândalo político: poder y visibilidad en la era de los medios de comunicación. Barcelona: Paidós, 2001.

TRAQUINA, N. Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Tradução: Luís Manuel Dionísio, Lisboa: Vega, 1993+.

TUCHMAN, Gaye. Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity. *American Journal of Sociology*. Vol. 77 N. 4. 1972.

WAHL-JORGENSEN, K *et. al.* Rethinking balance and impartiality in journalism? How the BBC attempted and failed to change the paradigm. *Revista Sage Journals*. Vol. 18. P. 781-800.